FIM DE SEMANA

negocios

negocios.pt

Sexta-feira, 16 de agosto de 2024 | Diário | Ano XVIII | N.º 5304 | € 3.30
Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

GONÇALO S. MATIAS
Idadismo leva a mais conflitos interpessoais no trabalho
OPINIÃO 31

MARIA LUÍSA MOREIRA
A democracia está vinculada a publicações e algoritmos
OPINIÃO 28

Condomínios voltam a perder poder no alojamento local

Regime para encerrar estas unidades volta a deixar a decisão final nas mãos das autarquias.

ECONOMIA 14 e 15

OS MAIS PODEROSOS 2024

PRIMEIRA LINHA 4 a 11

#22
Fernando Campos Nunes mantém um crescimento forte na Constructel, à boleia do apoio do Goldman Sachs.

#21
É uma das vozes mais influentes na UE, mas as dores de um país dividido debilitaram-no em termos internos.

Bruno Colaço

Entrevista a José Pedro Zúquete

Para os identitários, existe uma guerra civil na Europa

Cereais

Executivo “empenhado” em solução para a Silopor

EMPRESAS 21

Norges Bank, o maior fundo soberano, torna a apostar no país

MERCADOS 24 e 25

Tecnológica EID fecha contrato de 30 milhões com a NATO

EMPRESAS 18 e 19

Bónus extra pode chegar a cerca de dois milhões de pensionistas

HOME PAGE 2

HOME PAGE

Luís Forra/Lusa-EPA

Bónus extra pode chegar a cerca de 2 milhões de pensões

Medida foi anunciada na quarta-feira pelo primeiro-ministro e líder do PSD na Festa do Pontal, a iniciativa que marca a "rentrée" política do partido.

Receita fiscal permitirá folga excecional para atribuir o suplemento extraordinário que varia entre 200 e 100 euros, consoante o valor da pensão. Pagamento será feito uma única vez, em outubro.

PAULO RIBEIRO PINTO
paulopinto@negocios.pt

O suplemento extraordinário para as reformas mais baixas deverá abarcar um universo próximo dos dois milhões de pensões, de acordo com os cálculos do Negócios com base nos dados mais recentes da Segurança Social e da Caixa Geral de Aposentações. Os valores referem-se a 2022 e 2023, mas permite uma aproximação ao número de pessoas que poderá abranger.

O bónus para as pensões mais baixas foi anunciado na quarta-feira à noite pelo primeiro-ministro Luís Montenegro na Festa do Pontal, em Quarteira, no Algarve. Montenegro anunciou um "suplemento extraordinário" pago em outubro e que será de 200 euros, para pensões até 509,26 euros (correspondente a 1 IAS – Indexante de Apoios Sociais), de 150 euros para as pensões entre 509,26 e 1.018,52 euros e de 100 euros para as pensões entre 1.018,52 e 1.527,78 euros.

De acordo com o relatório da Conta da Segurança Social de 2022, a maioria das pensões (53,2%) tinha um valor que se encontrava no escalão entre 278,05 euros a 443,20 euros (este último o valor do IAS da altura), representando mais de um milhão de pensões. A estes juntam-se 215 mil com valores entre 112,66 euros e 278,04 euros e perto de 60 mil com pensões até 112,65 euros.

Na parte superior da distribuição, cerca de 300 mil pessoas recebiam entre 443,2 euros e 664,79 euros e no escalão superior (664,8 euros e 2.659,20 euros) estavam cerca de 350 mil pensões. No entanto, já ficarão muitas pensões de fora uma vez que ultrapassa o limite superior de 1.527 euros apontado pelo primeiro-ministro.

O bónus para as pensões será pago uma única vez, no mês de outubro.

A estas pensões, juntam-se ainda cerca de 280 mil pensionistas da Caixa Geral de Aposentações com valores de pensão até 1.500 euros. Estes dados são já de 2023 ao contrário dos da Segurança Social que respeitam a 2022, último ano disponível.

Os números já estarão desatualizados e, tendo em conta os escalões definidos pelo Governo, as cerca de 2 milhões de pensões é um valor aproximado ao que será o universo efetivamente abrangido. Ainda de notar que em causa estão pensões e não pensionistas (há aposentados que recebem mais do que uma pensão). O Negócios pediu dados mais detalhados ao Governo, mas não foi possível obter resposta até ao fecho desta edição.

A atribuição deste suplemento extraordinário estará relacionada com o bom desempenho da receita fiscal que será confirmada na execução orçamental de julho com divulgação prevista para o dia 30 deste mês. Em causa o adiamento da entrega da declaração anual de rendimento das empresas – a modelo 22 – cujo prazo terminou a 15 de julho, tal como o Negócios já noticiou. ■

DIA

AÇÃO

Vacinas contra mpox fazem disparar ações da Bavarian Nordic

A empresa liderada por Paul Chaplin chegou a escalar 17% em bolsa.

A Bavarian Nordic chegou a disparar quase 17% em bolsa, tendo fechado a ganhar 7,84%, após ter garantido capacidade para satisfazer as necessidades de imunização dos países africanos que estão a enfrentar um surto do vírus de mpox. A farmacêutica tem 10 milhões de doses para fornecer a estes países aguardando apenas as encomendas. A OMS declarou o surto como uma emergência de saúde pública. ■

7,84%

Variação este ano: **35,59%**
Valor em bolsa: **18.794,8 milhões de coroas dinamarquesas**

FRASE

“Não acho que o dinheiro resolva tudo. (...) Se fosse dinheiro para tudo, tínhamos os problemas resolvidos.

ANTÓNIO GANDRA D'ALMEIDA
Diretor executivo do SNS, Expresso.

FOTO

Um milhão de flores no centro de Bruxelas

Demora um pouco menos de quatro horas, mas é um espetáculo que só pode ser visto de dois em dois anos e durante apenas quatro dias. A Grand Place, em Bruxelas, foi ontem coberta com um tapete de begónias. O tapete de 70 metros por 24 metros foi colocado por 120 voluntários, utilizando quase 1 milhão de flores. Este ano, o tema foi a Arte Nova.

Fotografia: Olivier Hoslet / EPA

NÚMERO

A Alibaba – gigante chinês do comércio eletrónico – anunciou lucros de 3 mil milhões de euros no segundo trimestre. Representa uma queda homóloga de 29%.

EDITORIAL

DIANA RAMOS
Diretora
dianaramos@negocios.pt

Quem quer mesmo mudar?

Quem ouviu o primeiro-ministro na Festa do Pontal defender a governação da AD perdeu certamente a conta ao número de vezes que os adjetivos estratégico e estrutural foram usados. A dialética é crucial na mensagem política e Montenegro quis enfatizar que, ao contrário dos anteriores oito anos de governação socialista, não só está a fazer como pretende mudar de forma significativa. Até onde isso é verdade, é outra história...

A dialética surge de mão dada com a retórica e o propósito do chefe do Executivo é, numa altura de maior fragilidade por causa das dificuldades no setor da Saúde, fazer uma demonstração de força capaz de convencer os portugueses de que há uma mudança de paradigma em curso.

É certo que, em quatro meses, o Governo apresentou uma série de medidas que contrastam com a marca da governação de Costa, de governar à boleia dos ventos. Ainda assim, os diferentes pacotes apresentados pela AD estão longe de, em si mesmos, consubstanciarem reformas ou mudanças estratégicas.

Senão, vejamos: há um problema de fundo relacionado com a pesada estrutura de despesa da Administração Pública que em larga medida condiciona o investimento público das próximas décadas, sobretudo quando os fundos comunitários deixarem de jorrar. Olhar para essa estrutura de despesa de forma a que o planeamento futuro possa ser olhado numa ótica de mudança, sem amarras orçamentais que se reduzem aos pós sobrantes da execução anual, é crucial. Só assim se aposta em infraestruturas que garantam um futuro com maior qualidade às populações.

Reformar obriga a tomar decisões pouco populares e isso ninguém quer fazer.

Outro dossiê: o excedente da Segurança Social, que surge num contexto particular de quase pleno emprego, está a financiar os atuais orçamentos, o que compromete as futuras pensões. Ainda assim, está fora dos planos do Governo discutir uma reforma de fundo neste setor.

Um outro tema: temos um recorde de funcionários públicos e serviços inoperantes. Para quando uma mudança de fundo que permita assegurar uma reconversão de quadros e a introdução de sistemas e tecnologias capazes digitalizar os sistemas nos diferentes serviços do Estado?

Tudo isto são temas de enorme complexidade e fulcrais para o futuro, mas reformar estas áreas exige um ambiente político que não é compatível com a crispação que vivemos. Reformar obriga a tomar decisões pouco populares e isso ninguém quer fazer. E isso, ao contrário do que diz Montenegro, não é responsabilidade do comentariado ou da comunicação social. É, isso sim, resultado do taticismo político. ■

#22
Fernando **Campos Nunes**

O império da Visabeira, detido por Fernando Campos Nunes, mantém o crescimento acelerado. E, mostrando grande músculo financeiro, continua a comprar empresas – são mais de 10 desde 2021. Este ano, juntou-se a Ronaldo para expandir a Vista Alegre.

BILHETE DE IDENTIDADE

● **Cargo:** Presidente do Conselho Geral e de Supervisão da Visabeira, grupo do qual é proprietário. ● **Naturalidade:** Nasceu em Lisboa, a 26 de outubro de 1956, tendo passado a infância e a adolescência em Moçambique. ● **Formação:** Licenciatura em Engenharia Eletrotécnica na África do Sul.

D.R.

OS MAIS PODEROSOS **2024**

PORQUE SOBE

Com o empurrão do Goldman Sachs, a Visabeira continua em velocidade de cruzeiro, crescendo mais de 20% ao ano. Em 2024, o império detido por Fernando Campos Nunes deverá faturar já mais de 2 mil milhões de euros este ano (face aos 1,4 mil milhões de 2022), continuando a comprar empresas em Portugal e no estrangeiro. A cereja em cima do bolo, um golpe de asa, é a parceria estabelecida agora entre a Vista Alegre e Cristiano Ronaldo para atacar o mercado do Médio Oriente e da Ásia/Pacífico.

TABELA DE CRITÉRIOS

Critério	Classificação
Poder da fortuna	★★★★☆
Rede empresarial	★★★★☆
Influência política	★★★★☆
Influência mediática	★★★☆☆
Perenidade	★★★☆☆

VÍTOR RODRIGUES OLIVEIRA
vitoroliveira@negocios.pt
DIANA RAMOS
dianaramos@negocios.pt

apenas quatro dias de uma muito sofrida estreia no Euro2024, Cristiano Ronaldo centrava as atenções do primeiro treino da seleção portuguesa, aberto a 8 mil pessoas em Gutersloh, com vários adeptos eufóricos a invadirem as quatro linhas para abraçá-lo. Só que, nesse mesmo dia, o avançado seria ainda notícia fora de campo: a Vista Alegre anunciava uma surpreendente parceria com CR7 com vista a conquistar o Oriente.

O jogador – e empresário nos tempos livres – comprou 10% do grupo, por valor não divulgado, ficando ainda com 30% da Vista Alegre Espanha. Mas não ficou por aí, chegando a acordo para "a criação conjunta em partes iguais de uma nova empresa" no Médio Oriente e Ásia para "fazer crescer as marcas Vista Alegre e Bordallo Pinheiro naquelas geografias", podia ler-se no comunicado enviado à CMVM a 14 de junho.

O negócio, promissor para o grupo pelo que representa Ronaldo no Oriente (não apenas na Arábia Saudita, onde joga), foi também uma ação de marketing de "timing" afinado, com o capitão da seleção a mostrar "enorme orgulho" em aliar-se à histórica marca.

A ideia, sabe o Negócios, foi de Fernando Campos Nunes – dono da Visabeira, que inclui quase toda a Vista Alegre – e posteriormente concretizada pela equipa do presidente Nuno Terras Marques. Na hora de celebrar o acordo, citado no comunicado, Fernando Nunes manifestou "grande entusiasmo" e enalteceu a "união de duas das mais relevantes e unânimes marcas portuguesas".

Para Fernando Ruas, presidente da Câmara Municipal de Viseu, "só podia ter sido ele a pensar nisso", responde ao Negócios. "Não me surpreende nada". O autarca, que tem uma relação próxima com o empresário, entende que Fernando Nunes, que é presidente do conselho geral e de supervisão da Visabeira (não executivo), "alimenta-se de investimentos", tem um "sentido de oportunidade e de análise extremamente profundos" e "arrisca onde a maioria das pessoas não arriscaria". Também o antigo ministro e deputado Ângelo Correia, que presidiu à assembleia geral da Vista Alegre até 2020, considera que "não é tão importante o dinheiro que Cristiano Ronaldo põe na empresa, mas associar o seu nome" à marca de porcelanas e cristais. O gestor, que conhece o fundador da Visabeira há várias décadas, diz ao Negócios que foi uma ação comercial e de marketing "corretíssima".

O íman da porcelana

Fundada por José Ferreira Pinto Basto há precisamente 200 anos, a Vista Alegre desdobra-se hoje em quatro segmentos (porcelana, faiança, grés e cristal/vidro), tendo um portefólio de 16 empresas espalhadas por vários países (Portugal, Espanha, França, Brasil, Moçambique, EUA, México e Índia), o que inclui a Atlantis, em-

A parceria entre a Vista Alegre e Cristiano Ronaldo vai permitir à empresa de porcelana e cristais expandir para os mercados asiáticos.

Continua na pág. 7

OS MAIS PODEROSOS **2024**

22 FERNANDO CAMPOS NUNES

A rede de contactos de Fernando Nunes é extensa e diversificada, abrangendo figuras do mundo da política, dos negócios e da cultura.

TEIA DE INFLUÊNCIA

Fernando Ruas
O autarca de Viseu tem uma relação próxima e antiga com Fernando Campos Nunes, desde que este era um jovem empresário. Participa em jantares regulares num grupo restrito.

Nuno Terras Marques
É o braço-direito de Fernando Campos Nunes. CEO da Visabeira desde 2017, Nuno Terras Marques é também presidente do conselho de administração da Vista Alegre.

Filipe Nyusi
Viseu é "a capital de Moçambique em Portugal". Assim graceja o Presidente deste país africano, tal é a relação do dono da Visabeira com o país que o viu crescer.

Marques Mendes
O comentador e antigo líder do PSD é presidente da assembleia geral da Vista Alegre. Vai a Viseu todos os anos, tendo ficado amigo de Fernando Campos Nunes.

Américo Aguiar
Fernando Nunes ficou a conhecer Américo Aguiar, ainda este era bispo, depois da Jornada Mundial da Juventude. E foi o agora cardeal que apresentou o gestor e a sua mulher ao Papa Francisco, audiência que ocorreu no final do ano passado.

Fernando Daniel Nunes
O filho mais velho de Campos Nunes é administrador da Visabeira, diretor distrital da Sedes e, desde 2023, cônsul honorário de Moçambique em Portugal. Quando o pai é homenageado, é ele quem vai receber os prémios.

Nuno Fernandes Thomaz
O administrador da Vista Alegre, que é também "senior partner" da Core Capital e presidente da Centromarca, mantém uma relação próxima com o dono da Visabeira.

Poiares Maduro
O antigo ministro de Passos Coelho, que tem o cargo de administrador não executivo da Vista Alegre, é visita de casa de Fernando Nunes.

Cristiano Ronaldo
O capitão da seleção portuguesa de futebol é o novo parceiro da Vista Alegre. Em conjunto vão criar uma empresa a meias para vender porcelana e cristais no Oriente.

Álvaro Beleza
O presidente da Sedes, da qual a Visabeira é sócia, tem uma boa relação com Fernando Campos Nunes. E o filho do gestor é líder distrital desta associação.

Ângelo Correia
O gestor e antigo ministro foi presidente da assembleia geral da Vista Alegre. Conhece Fernando Campos Nunes há cerca de 40 anos e mantêm com ele uma relação de amizade.

Mariza
Esta ligação parte do desafio que a Vista Alegre lançou à fadista, há cerca de uma década, para criar um serviço de chá - a "Mouraria" -, que contou com o desenho da própria cantora.

Paulo Portas
O antigo vice-primeiro ministro conhece Fernando Campos Nunes há muitos anos, tendo uma relação de amizade. Foi até ao ano passado presidente da assembleia geral da Vista Alegre.

Edite Estrela
A deputada do PS, que já foi também eurodeputada e presidente da câmara de Sintra, faz parte do círculo de amigos próximos do dono da Visabeira.

Catarina Furtado
A estrela da televisão, que é também presidente da associação Corações com Coroa, já apresentou vários desfiles de moda no Palácio do Gelo, em Viseu, tendo hoje uma relação mais próxima com Fernando Nunes.

Pedro Abrunhosa
O cantor é amigo da família de Fernando Campos Nunes, tendo participado em diversos espetáculos produzidos em espaços do Grupo Visabeira.

Luís Mira Amaral
Há duas décadas, o gestor, que já tinha sido ministro, foi mandatado por Durão Barroso para chegar a acordo com Moçambique sobre Cahora Bassa. Fernando Nunes ajudou. Ficaram amigos.

Continuação da pág. 5

presa de cristais absorvida em 2001, e a Bordallo Pinheiro, que a Visabeira salvou da falência em 2009 – o mesmo ano em que foi resgatada a própria Vista Alegre.

De uma assentada, quando a crise global já fazia mossa, a Visabeira amparava as duas empresas, carregadas de problemas. Sobravam dúvidas: "Lembro-me de dizer ao Fernando: 'Vais correr um grande risco'. E ele respondeu: 'Estás enganado'", recorda Ângelo Correia sobre a decisão do empresário. "E ele é que tinha razão", reconhece o ex-ministro. "Deu resultados estrondosos."

Quinze anos depois, o Grupo Vista Alegre tem contas saudáveis (lucro de 6,8 milhões em 2023, apesar da quebra nas receitas para 130 milhões), exportando para países como França, Espanha, Alemanha, Itália, EUA ou Brasil. O Médio Oriente e Ásia/Pacífico contam pouco (menos de 4% das vendas), mas o relatório e contas de 2023 (antes do anúncio sobre Ronaldo) já previa "um ano de crescimento de vendas" na região. Destaque para "Arábia Saudita, Qatar e Turquia", bem como "China, Coreia do Sul e Japão".

Ainda que a Vista Alegre represente menos de 10% das vendas da Visabeira, é um dos cartões de visita mais glamorosos do grupo, atraindo para os seus órgãos sociais figuras importantes: Marques Mendes preside à assembleia geral da Vista Alegre, depois de ter substituído Paulo Portas, que, por sua vez, substituiu Ângelo Correia. São ainda vogais da administração o ex-ministro Poiares Maduro e o ex-secretário de Estado Nuno Thomaz, "partner" da Core Capital. Ao grupo chegou a estar ainda ligado Jorge Coelho (já falecido), que era amigo próximo do dono da Visabeira.

Viseu é "a capital de Moçambique em Portugal", graceja o Presidente deste país africano, tal é a relação do gestor com o país em que cresceu.

Um império de 2 mil milhões

Se a Vista Alegre é o cartão de visita, a Constructel é a trave mestra do império. Mais ainda depois de, em 2022, o Goldman Sachs ter entrado nesta empresa especializada em engenharia de redes, energia e comunicações. O banco americano injetou 200 milhões por uma fatia de 21,87%.

Tendo clientes gigantes como Orange, Deutsche Telekom ou British Telecom, e ainda as nacionais Meo, Nos, Vodafone Portugal e EDP, a Constructel tem crescido de forma orgânica, mas também por aquisições. Desde 2021 juntaram-se 10 empresas, a última das quais este ano: a Veritá, nos EUA, onde a Constructel já tinha ido às compras há três anos. Houve ainda aquisições em Portugal e na Alemanha (duas cada), em França, Irlanda, Itália e Reino Unido. Não estão aqui incluídas compras da "holding" Visabeira, como as portuguesas HCI e Jayme da Costa (os 50% que não detinha), em 2023. E seriam mais se não tivesse perdido no ano passado a corrida pela Efacec.

É com a Constructel que a Visabeira obtém a maioria das receitas (80%) e o restante vem de outras duas sub-"holdings": na indústria (14%), além da Vista Alegre, produz "pellets" e cozinhas; e no turismo (6%) tem nove hotéis e 14 restaurantes no país, fora o investimento em Moçambique.

Com um crescimento acima de 20% ao ano, a Visabeira faturou 1,4 milhões de euros em 2022, 1,7 mil milhões em 2023 e prevê alcançar os 2,2 mil milhões este ano, segundo o administrador Fernando Daniel Nunes, filho do dono da Visabeira. O grupo, que ainda não apresentou as contas de 2023, tem mais de 14 mil colaboradores em 18 países.

"Viseense dos 7 costados" ligado a Moçambique

Sem nunca ter dado entrevistas, o discreto Fernando Nunes, um dos homens mais ricos do país, é "pouco disponível para o espetáculo mediático", diz Fernando Ruas, que vê no empresário alguém "muito humano" e "extremamente profissional". Tem ainda um "excelente sentido de humor", afirmou Poiares Maduro ao Negócios no ano passado. Tendo conhecido o empresário através de Castro Almeida (hoje ministro da Coesão), Poiares Maduro elogia ainda o "cosmopolita" que valoriza as raízes. "Chama muito as pessoas a Viseu. Já lá fui várias vezes", incluindo para "cozinhar em casa dele com amigos".

É, aliás, nas palavras de Ruas, "um viseense dos sete costados", que mantém a sede no Palácio do Gelo, investe no distrito e atrai à cidade figuras relevantes para reuniões ou festas da empresa. Entre eles estão "com frequência ministros ou presidentes de países africanos de língua portuguesa", diz o autarca. Tendo passado a infância e a adolescência em Moçambique, o gestor licenciou-se na África do Sul e só depois regressou a Portugal, onde criou a Visabeira nos anos 80 com o irmão Daniel (falecido anos mais tarde). A ligação ao país que o viu crescer sempre foi forte, tendo mesmo ajudado a resolver o imbróglio de Cahora Bassa, como já contou Mira Amaral. Não é caso único. "Houve problemas importantíssimos entre os estados de Portugal e Moçambique em que a sua intervenção foi importante", revelou Ângelo Correia.

Hoje, confidencia Ruas, Viseu é vista como "a capital de Moçambique em Portugal" pelo Presidente Filipe Nyusi. O gracejo foi ouvido pelo autarca no Zambeze, restaurante que a Visabeira e o estado moçambicano partilham. ■

CADA VEZ MAIS PODER

Evolução no "ranking" de Os Mais Poderosos

A subida de Fernando Campos Nunes no "ranking" acompanha o crescimento acelerado da Visabeira, o grupo que o empresário viseense detém. Este ano foram três posições.

Fonte: Negócios

O ADMIRÁVEL MUNDO DA IA

TERRY PRATCHETT
Escritor

A estupidez real vence sempre a inteligência artificial.

"O Poder de Fazer Acontecer", a conferência anual do Negócios realizada no âmbito de Os Mais Poderosos, será dedicada ao tema da inteligência artificial.

CRITÉRIOS

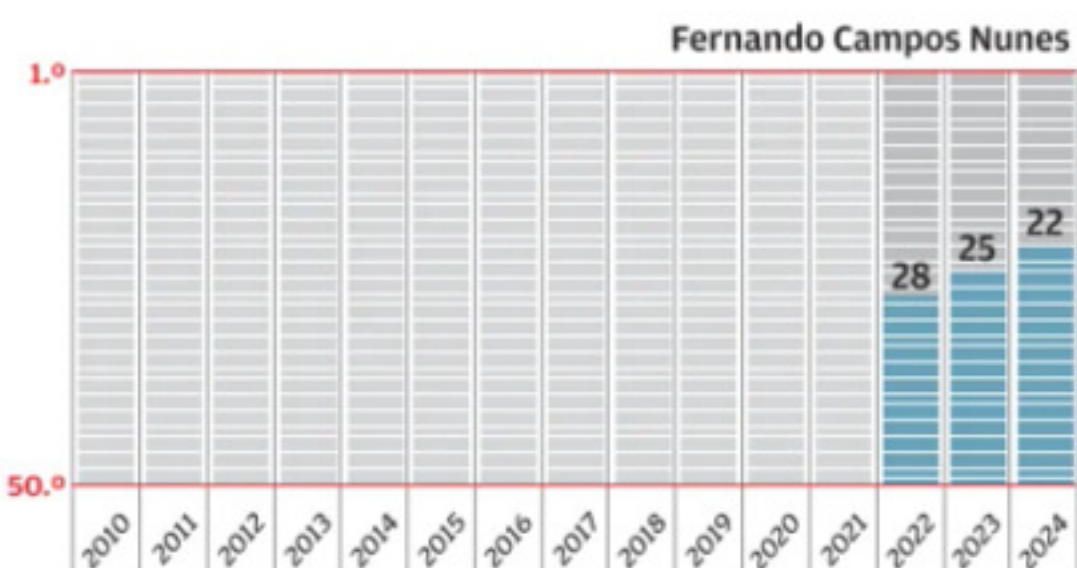
O "ranking" dos Mais Poderosos da economia portuguesa foi estabelecido com base em cinco grandes critérios – poder da fortuna, poder financeiro, influência política, influência mediática e perenidade, sendo que cada individualidade foi pontuada de 1 a 5 em cada um deles. A partir da soma ponderada das pontuações o Negócios fixa a tabela final dos 50 Mais Poderosos.

O PODER DA FORTUNA
O "poder da fortuna" avalia a riqueza levando em conta também as dívidas, ou seja, releva a situação líquida (ativos e passivos).

O PODER FINANCEIRO
No poder financeiro olha-se para o poder através das empresas em que, direta ou indiretamente, se tem influência como acionista ou como gestor. As empresas são mais ou menos relevantes em função da sua dimensão, do seu setor e das redes que estabelecem e o impacto que têm noutras.

A INFLUÊNCIA POLÍTICA
É medido, neste critério, o poder de influenciar ou de participar em decisões políticas – seja do poder executivo, legislativo ou partidário – com impacto decisivo na economia, nas empresas, nos negócios e na Administração Pública.

A INFLUÊNCIA MEDIÁTICA
Olha para o poder de condicionar a agenda mediática, através da audiência, capacidade de influenciar a comunicação social ou de mobilização de meios.

PERENIDADE
Neste ponto evidencia-se a temporalidade do poder que pode ser mais perene e independente de ciclos, sejam eles políticos, económicos ou da vida empresarial.

#21
Emmanuel **Macron**

É das vozes europeias mais influentes e lidera a segunda maior economia da UE. As eleições deste ano condenaram-no a uma menor influência no campo europeu e debilitaram-no, em termos internos, com a perda de apoio parlamentar.

BILHETE DE IDENTIDADE

● **Cargo:** Presidente de França ● **Naturalidade:** Nasceu a 21 de dezembro de 1977, em Amiens. ● **Formação:** É licenciado em Filosofia e mestre em Políticas Públicas. ● **Estado civil:** É casado e sem filhos. ● **Cargos anteriores:** Secretário-geral adjunto da Presidência da República de François Hollande, ministro da Economia e fundador do partido "En Marche!".

Benoit Tessier/Reuters

OS MAIS PODEROSOS **2024**

PORQUE DESCE

Na Europa, Emmanuel Macron é um dos líderes mais admirados e respeitados, mas corre o risco de perder influência depois da pesada derrota do seu partido nas eleições europeias. Internamente, a situação política também não está fácil para o Presidente francês. As eleições antecipadas, que convocou para tentar reafirmar a sua liderança, deram vitória à esquerda, mas sem a maioria necessária. Macron terá agora de escolher um novo primeiro-ministro que agrade aos francesas e não lhe crie empecilhos.

TABELA DE CRITÉRIOS

Critério	Estrelas
Poder da fortuna	★★☆☆☆
Rede empresarial	★★★★☆
Influência política	★★★★☆
Influência mediática	★★★★☆
Perenidade	★★★★☆

JOANA ALMEIDA
joanaalmeida@negocios.pt
DIANA RAMOS
dianaramos@negocios.pt

mmanuel Macron é um dos líderes europeus – se não mesmo o líder europeu – com mais protagonismo. As suas ideias despertam interesse em todo o mundo e suscitam tão depressa aplausos como controvérsias. Tem apelado à "lucidez" sobre o futuro da União Europeia (UE), alertando que esta "pode morrer" se não souber defender-se da "ameaça russa" e tornar-se mais autónoma em áreas estratégicas, como a energia e a tecnologia.

Mas a influência que tem granjeado no plano europeu está em risco de um revés, depois da pesada derrota nas eleições europeias. A juntar a isso, Macron convocou eleições antecipadas em França para reafirmar a sua liderança internamente, em resposta ao desaire eleitoral de maio, mas o tiro saiu-lhe pela culatra. A forte mobilização popular colocou-o à frente da extrema-direita de Marine Le Pen – como pretendia –, mas atrás da coligação de esquerda, que venceu as eleições de julho.

Debilitado pela dupla derrota eleitoral, Macron prepara-se agora para enfrentar, no plano interno, um Parlamento ainda mais dividido e no qual está longe de ter a tão desejada maioria. Os Jogos Olímpicos de Paris permitiram-lhe ganhar tempo e dar um impulso à sua liderança com o sucesso do evento, mas a mudança política parece inevitável.

O fim do "Presidente-sol"?

Até há pouco tempo, Macron era o líder europeu que mais poderes concentrava. Além de presidir à República francesa, escolhia o Governo, que, por sua vez, "controlava" o Parlamento e o Tribunal Constitucional. Daí o epíteto "Presidente jupiteriano" ou "Presidente-sol", pelos quais ficou conhecido, numa referência ao rei Luís XIV. Mas, embora a Constituição continue a prever que é o presidente que nomeia o governo, o Parlamento tem estado longe de ser um fiel aliado (e ameaça tornar-se ainda mais incontrolável).

Acusado de ser "o presidente dos ricos" e "desligado" da realidade nacional, Macron somou vários anticorpos nos primeiros

Macron ganhou o epíteto de "Presidente-sol" devido à sua concentração de poderes, mas agora terá de lidar com um Parlamento mais hostil.

Continua na pág. 11

OS MAIS PODEROSOS **2024**

21 EMMANUEL MACRON

Após a dupla derrota eleitoral, o líder gaulês criticou a "febre extremista" que contagiou o discurso político e prometeu combatê-la na França e na UE.

TEIA DE INFLUÊNCIA

Joe Biden
O ainda Presidente dos EUA é um parceiro estratégico de Macron do outro lado do Atlântico. Está "do lado da Europa" e a ajudar "na defesa dos invasores", como disse Macron, em visita oficial.

Xi Jinping
O Presidente chinês passou de aliado a rival na mais recente visita de estado a Paris. Em pano de fundo está a guerra comercial entre a China e Europa, e o reforço de relações com a Rússia.

Marie Lebec
Com a chegada de Attal a primeiro-ministro de Macron no início do ano, foi encarregue de fazer a ponte entre o Governo e Parlamento. Deverá deixar o cargo com o novo primeiro-ministro.

Gabriel Attal
O ainda primeiro-ministro de Macron apresentou a demissão após a derrota eleitoral de julho. Devido os Jogos Olímpicos, o líder francês pediu-lhe que se mantivesse no cargo até à escolha do sucessor.

Olaf Scholz
Embora seja de uma família política diferente, o chanceler alemão também quer reforçar o eixo franco-alemão como Macron. Mas têm várias discordâncias, incluindo em relação ao nuclear.

Alexis Kohler
É o principal conselheiro de Macron e o segundo homem mais poderoso do Eliseu. É secretário-geral da Presidência da República e a única pessoa em quem Macron confia politicamente.

Christine Lagarde
A líder do Banco Central Europeu foi escolhida por Macron para o cargo em 2019. Depois disso, foi convidada várias vezes para integrar o Governo francês, mas recusou por estar a liderar o BCE.

Ursula von der Leyen
A presidente da Comissão Europeia foi uma escolha de Macron em 2019. Este ano foi reeleita. Juntos têm apoiado a Ucrânia e pressionado a China em plena guerra comercial.

François Villeroy de Galhau
Nomeado para um segundo mandato no Banco de França, veio alertar Macron que as eleições "abalam os mercados" e apelar a prudência orçamental.

António Costa
Já era colega de Macron nas cimeiras europeias e vai continuar a ser, agora numa nova função: a de presidente do Conselho Europeu. Estão juntos no combate à extrema-direita e apoio à Ucrânia.

Thierry Breton
É o comissário europeu de França, que lidera a importante pasta do Mercado Interno. Macron tenta a sua renomeação, elogiando a "competência e compromisso" do recandidato francês.

Bruno Le Maire
É o ministro da Economia de Macron desde o seu primeiro mandato. Tem a responsabilidade por reequilibrar as contas públicas de França, em vésperas do regresso das regras orçamentais da UE.

Gérald Darmanin
O ainda ministro do Interior foi um aliado de peso de Macron no combate à extrema-direita. Mas tem sido, nos últimos meses, crítico da tentativa dos macronistas em segurarem o poder.

Stéphane Séjourné
É o ministro da Europa e dos Negócios Estrangeiros de França e aconselhou o atual Presidente enquanto ministro da Economia de Valls. Esteve diretamente envolvido na campanha de Macron às europeias.

Sébastien Lecornu
É ainda ministro francês da Defesa, apesar do Governo demissionário. Está em funções desde 2022 e é um fiel aliado de Macron na defesa da necessidade de um Exército comum da UE.

Stéphanie Riso
A economista francesa é próxima de Macron e uma figura de peso na UE. Lidera a pasta orçamental da Comissão Europeia e especula-se que possa vir a ser secretária-geral da UE.

Prisca Thevenot
É, desde janeiro, a porta-voz do Governo francês. Militante do partido de Macron desde a sua fundação, foi acusada de "assédio moral e violência verbal" entre membros do gabinete que lidera.

Continuação da pág. 9

cinco anos de mandato. Ainda assim, conseguiu ser reeleito em 2022, com uma histórica maioria parlamentar favorável. No entanto, essa estendeu-se apenas por dois meses. As eleições de junho desse ano trouxeram um parlamento mais fragmentado e que "bloqueou" ou atrasou a aprovação de várias medidas, como a nova lei da imigração ou o aumento da idade mínima da reforma.

E, se a situação política já não era fácil para Macron, mais difícil ficou com o desfecho das eleições antecipadas deste ano. A frente de esquerda – que junta socialistas, comunistas e verdes à França Insubmissa de Jean-Luc Mélenchon – venceu as eleições, mas sem a necessária maioria para escolher o novo primeiro-ministro. Por isso, o Presidente francês prepara-se agora para nomear alguém que corresponda às expectativas dos franceses, mas que não lhe crie muitas resistências na aprovação de propostas. Será o quinto primeiro-ministro desde que Macron tomou posse pela primeira vez e pode ser o primeiro que não lhe é fiel a 100%.

Contudo, mesmo sem maioria no parlamento, Macron dispõe de plenos poderes na política externa, assuntos europeus e defesa. Mas este pode ser o princípio do fim do "estilo napoleónico" que tem marcado a sua forma de governar a segunda maior economia europeia.

Um homem de ideias fixas

Conhecido por uma elevada autoconfiança e obstinação, Macron entrou na vida política após uma passagem pela Inspeção-Geral das Finanças e pelo banco de investimento Rothschild. Nasceu em 1977 em Amiens, uma cidade no interior da França, mas foi em Paris que concluí o ensino secundário. Há quem diga que terá sido enviado pelos pais para a capital francesa de forma a afastar-se da então professora de teatro Brigitte Trogneaux, 24 mais velha do que ele, com quem está hoje casado.

Licenciou-se em Filosofia na Universidade Paris Nanterre – com uma tese sobre o limite e a noção do bem comum nas obras de Georg Hegel e Nicolau Maquiavel – e tirou um mestrado em Políticas Públicas. Filiou-se no Partido Socialista francês e, mais tarde, foi conselheiro económico de François Hollande. Subiu a ministro da Economia, em 2014, com Manuel Valls, mas abandonou o cargo, dois anos depois, para lançar o movimento político "En Marche!", que rejeita os tradicionais espartilhos de esquerda e direita.

Apresentou-se como cabeça de lista pelo "En Marche!" nas eleições de 2016, dizendo que a França não poderia "vencer os desafios do século XXI com os mesmos homens e as mesmas ideias". Venceu, numa altura em que os tradicionais partidos estavam já em crise, e tornou-se o Presidente de França mais jovem de sempre, com 39 anos.

Como chefe de Estado, a derrota da extrema-direita e a alternativa centrista e pró-europeia que apresentou valeram-lhe uma popularidade em crescendo, mas as reformas económicas e sociais que foi implementando geraram descontentamento. Foi o caso da flexibilização das leis do trabalho e o aumento dos impostos sobre os combustíveis, que fez sair às ruas o movimento dos "coletes amarelos". O segundo mandato foi também rico em polémicas e novas manifestações, sobretudo devido à reforma das pensões.

Nesses episódios de descontentamento popular, Macron vestiu a capa paternalista, dizendo que podia ter "tapado o sol com a peneira" como os seus antecessores, mas escolheu não o fazer. Porém, a desunião entre os franceses foi-se acentuando.

Sem "espírito de derrota"

Desolado com o mais recente resultado eleitoral, Macron criticou a "febre extremista" que "tomou conta do debate político" em França, mas recusou bater com a porta. O regresso às urnas seria, a seu ver, o ideal para ultrapassar eventuais bloqueios com a atual composição parlamentar, apesar da má reação dos mercados, e apelou a uma "trégua olímpica e política" até meados de agosto. "Nunca fiz ficção política, mas não tenho espírito de derrota", afirmou então.

Com os Jogos Olímpicos a acontecerem em Paris, o líder francês teve tempo para clarificar ideias sobre o futuro da sua governação (e quem sabe conseguir capital político como aconteceu com Jacques Chirac em 1998). Um dia após a conclusão do evento, mostrou-se satisfeito pela forma como decorreu, destacando os Jogos como "um sucesso a vários níveis", incluindo as 64 medalhas dos "Bleus". "Nós que vivemos mais de duas semanas num país onde tínhamos a sensação de que o ar estava mais leve. Não queremos que a vida volte ao normal", referiu. Todavia, apagada a chama olímpica, há um novo caminho político que se abre.

No plano externo, o terramoto político em França fez também tremer as instituições europeias. Macron luta agora por manter a sua influência na escolha de altos cargos europeus, como Thierry Breton para comissário, e na criação de novas pastas como a da Defesa e do Alargamento. Aliás, Macron tem sido uma das vozes europeias mais favoráveis à integração da Ucrânia na UE, através de um processo a "várias velocidades", e da criação de um Exército europeu comum. "Só assim venceremos a ameaça russa", argumenta. ■

UMA DESCIDA DE 16 LUGARES

Evolução no "ranking" de Os Mais Poderosos

Macron tem sido uma presença constante na lista de "Os Mais Poderosos" dos últimos cinco anos. Porém, este ano, com a derrota nas eleições europeias e nas legislativas, perde poder.

Fonte: Negócios

O ADMIRÁVEL MUNDO DA IA

"

JULIANO KIMURA
Especialista em IA

Você não vai ser substituído pela inteligência artificial, mas sim por quem usa melhor a inteligência artificial.

"O Poder de Fazer Acontecer", a conferência anual do Negócios realizada no âmbito de Os Mais Poderosos, será dedicada ao tema da inteligência artificial.

CLASSIFICAÇÃO 2024

Posição	Nome
1.º	
2.º	
3.º	
4.º	
5.º	
6.º	
7.º	
8.º	
9.º	
10.º	
11.º	
12.º	
13.º	
14.º	
15.º	
16.º	
17.º	
18.º	
19.º	
20.º	
21.º	Emmanuel Macron
22.º	Fernando Campos Nunes
23.º	Dionísio Pestana
24.º	João Lourenço
25.º	José Luís Arnaut
26.º	Carlos Mota dos Santos
27.º	Luís Marques Mendes
28.º	João Pedro O. Costa
29.º	Pires de Lima
30.º	Miguel Almeida
31.º	Carlos Tavares
32.º	Ana Figueiredo
33.º	Vladimir Putin
34.º	Sam Altman
35.º	Luís Amaral
36.º	António Portela
37.º	Pinto Balsemão
38.º	António Horta Osório
39.º	João Vieira de Almeida
40.º	Rui Miguel Nabeiro
41.º	Pedro Reis
42.º	Ricardo Pires
43.º	José Teixeira
44.º	Leonor Beleza
45.º	Nuno Sebastião
46.º	Joaquim Miranda Sarmento
47.º	José Cardoso Botelho
48.º	Luís Laginha de Sousa
49.º	Carlos Moedas
50.º	Paulo Rangel

CONTAS CORRENTES

Entramos na rentrée política com a discussão do Orçamento do Estado para 2025 no horizonte. Governo e maiores partidos da oposição vão ter de negociar para que o documento seja aprovado. Nenhum dos lados se pode esquivar a responsabilidades, porque o país não precisa de uma nova crise política.

ARMANDO ESTEVES PEREIRA

O teste do orçamento

Com a festa do Pontal iniciou-se aquele período que já se convencionou chamar a rentrée política, uma espécie de início do novo ano do ciclo político. E o grande teste da nova temporada vai ser mesmo a discussão e aprovação do Orçamento do Estado, que o Governo apresentará em outubro e que terá discussão até à votação final em novembro. Apesar de não ser obrigatório que o chumbo do orçamento leve à queda do Governo, seria difícil manter em 2025 um Executivo minoritário a gerir as contas públicas com duodécimos.

Pedro Catarino

Há medidas aprovadas pelos partidos da oposição, como a baixa do IRS ou a abolição das portagens nas antigas Scut, que têm forte impacto orçamental no próximo ano e que o Ministério das Finanças terá de acomodar. Aliás, com exceção de alguns detalhes, a margem de manobra do ministro das Finanças na elaboração do orçamento é muito limitada: há os juros da dívida pública para pagar, os aumentos da função pública que terão grande impacto devido aos compromissos já assumidos, assim como a subida inexorável da despesa com pensões dos servidores do Estado, além dos beneficiários que não contribuíram para a Segurança Social.

Com mais despesa e com mãos mais largas no IRS não será fácil o trabalho da equipa que prepara um documento que terá de manter a imagem de algum equilíbrio nas contas públicas.

O Governo vai tentar chamar à responsabilidade o PS, o PS tentará esquivar-se à responsabilidade do orçamento, o que é natural em política, mas no atual momento político alguém vai ter de deixar passar o orçamento, porque nem os partidos da oposição ganhariam algo com a queda do Governo e novas eleições resultantes de mais uma crise política, nem o Governo tem margem para esticar muito a corda.

Na política, o domínio da narrativa é fundamental e qualquer facto novo ou argumento pode mudar radicalmente o posicionamento político. Numa altura em que há sinais de arrefecimento económico, o pior que pode acontecer é mais uma crise política artificial. ■

SALDO POSITIVO

SALÁRIO MÉDIO SOBE

A remuneração bruta total mensal média por trabalhador (por posto de trabalho) aumentou 6,4% para 1.640 euros, no trimestre terminado em junho de 2024, em relação ao mesmo período de 2023, revela o INE. Este aumento do ordenado médio permite alguma recuperação do poder de compra dos trabalhadores. ■

SALDO NEGATIVO

ECONOMIA TRAVA

Os dados divulgados esta semana pelo Eurostat mostram que a economia portuguesa está no grupo das que menos cresce na UE. Numa Europa com sinais de arrefecimento, o PIB português está a perder gás. ■

Algo completamente diferente

Um valioso prémio para Carminho

Barack Obama tem milhões de seguidores nas redes sociais e é um grande "influencer" dos nossos dias. Ao incluir uma música cantada por Carminho na sua "playlist" do verão dá um justo prémio e projeção global a esta grande fadista portuguesa. O facto de a sua voz constar do filme "Poor Things" garantiu uma plataforma de divulgação extraordinária. António Variações escreveu que todos nós temos Amália na voz. Carminho tem certamente Amália na voz e muitas mais influências e é uma grande voz de Portugal no mundo. ■

A ECONOMIA DAS COISAS

PAULO RIBEIRO PINTO
Editor de economia

As bolsas têm períodos de quedas. É um facto. Umas vezes duram mais, outras menos, mas é um facto da vida. Mas será que isso é sinal de alguma coisa? Por vezes, sim. Outras nem por isso. O que aconteceu na semana passada com uma repentina recessão ao virar da esquina, conta-se mais ou menos, nestas duas frases e numa regra que não pode ser analisada de forma cega. Ou será que apenas olhámos para o sítio errado?

Uma breve história da mais curta recessão de sempre

No início era o desemprego. A frase é propositadamente bíblica apenas com o propósito de dramatizar um pouco esta newsletter. Mas tudo começou quando os dados do desemprego nos Estados Unidos foram conhecidos. Em julho, a taxa de desemprego aumentou para o nível mais elevado em quase três anos. Dito assim, parece uma catástrofe, mas estamos a falar de uma taxa de 4,3% da população ativa dos EUA (mais 0,2 do que em junho). Um valor baixo tendo em conta os padrões históricos. É certo que já tinha aumentado em junho e a criação de novos empregos também abrandou, mas a economia ainda consegue absorver estes choques.

Cerca de uma semana depois foram as bolsas a registar perdas acentuadas com o receio de uma recessão.

O antigo presidente da Reserva Federal norte-americana, Alan Greenspan, cunhou a expressão "exuberância irracional", uma forma muito clara e direta de classificar a forma como os mercados agiam e reagiam perante dados que, por muito frágeis que fossem, fizeram bolsas afundar sem motivo aparente. Foi o que aconteceu, com as devidas cautelas de interpretação, na semana passada quando, de repente, estávamos perante o abismo de uma recessão profunda e inexorável que nos levaria a uma grande crise económica mundial.

A verdade é que os dados económicos mais recentes não nos dão sinais de estarmos a caminhar a passos largos para uma recessão nos Estados Unidos com repercussão mundial e eventuais efeitos catastróficos. Olhemos para eles.

O PIB

O "rei" dos indicadores é um bom ponto de partida. No segundo trimestre deste ano, o PIB dos EUA praticamente pulverizou todas as expectativas dos analistas: cresceu 2,8% em cadeia, dentro da média dos últimos oito trimestres. Nos primeiros três meses foi metade deste valor, mas que não surpreendeu ninguém. Mas há outro indicador – que o presidente da Reserva Federal, Jerome Powell prefere – e que reflete a solidez (ou falta dela) da maior economia do mundo: a procura interna e, em particular das famílias, que subiu 2,6%. Mais uma vez dentro das médias históricas.

Ora, as recessões acontecem quando o PIB tem uma queda (ou contração) acentuada. Nada disto está a acontecer. Vejamos dados mais finos.

Indústria e serviços

A produção industrial voltou a subir em julho (1,6% face a junho). Neste indicador estão considerados os setores automóvel, produção energética, têxtil, metalomecânica e outras indústrias pesadas que, juntamente com a construção, representam uma parte importante do output da economia norte-americana.

Também o setor dos serviços, que representa cerca de dois terços da atividade dos EUA, tem mostrado forte resiliência e até recuperou em julho depois de uma ligeira queda no mês anterior. Os índices calculados pelo Institute for Supply Management apontam ainda para um aumento das ordens de compra e o PMI calculado pela S&P também mostra uma recuperação.

A inflação

Já depois do turbilhão da semana passada, os dados da variação de preços nos EUA também foram positivos, pelo menos para quem aposta numa aterragem suave da economia, com a Fed a cortar nas taxas de juro em breve.

A inflação em julho registou uma ligeira descida, aliviando as pressões e dando mais argumentos para uma descida das taxas. A variação homóloga de preços recuou de 3% para 2,9% e a inflação subjacente, que exclui os bens mais sujeitos a volatilidade, como os energéticos e os alimentares, recuou de 3,3% para 3,2%. O processo de desinflação continua.

A regra de Sahm

O que desencadeou este mini-pânico foi uma regra desenvolvida pela antiga economista da Fed Claudia Sahm. Segundo esta regra, uma economia está a caminho da recessão quando a média móvel a três meses da taxa de desemprego fica acima de 0,5 pontos do seu nível mais baixo dos últimos 12 meses. O que de facto aconteceu em julho. Mas há razões para preocupações? A própria Claudia Sahm diz que não e que esta regra "foi feita para ser quebrada". No entanto, avisa que os riscos existem porque o desemprego está a subir.

Outras explicações?

Então o que estará na base desta micro-crise? O Prémio Nobel da Economia Paul Krugman avançou uma teoria que começa a ganhar alguma tração: a de que estejamos perante o receio de uma nova bolha "dot.com" porque a inteligência artificial poderá estar a criar expectativas demasiado altas quando os resultados são ainda muito modestos – pelo menos em parte.

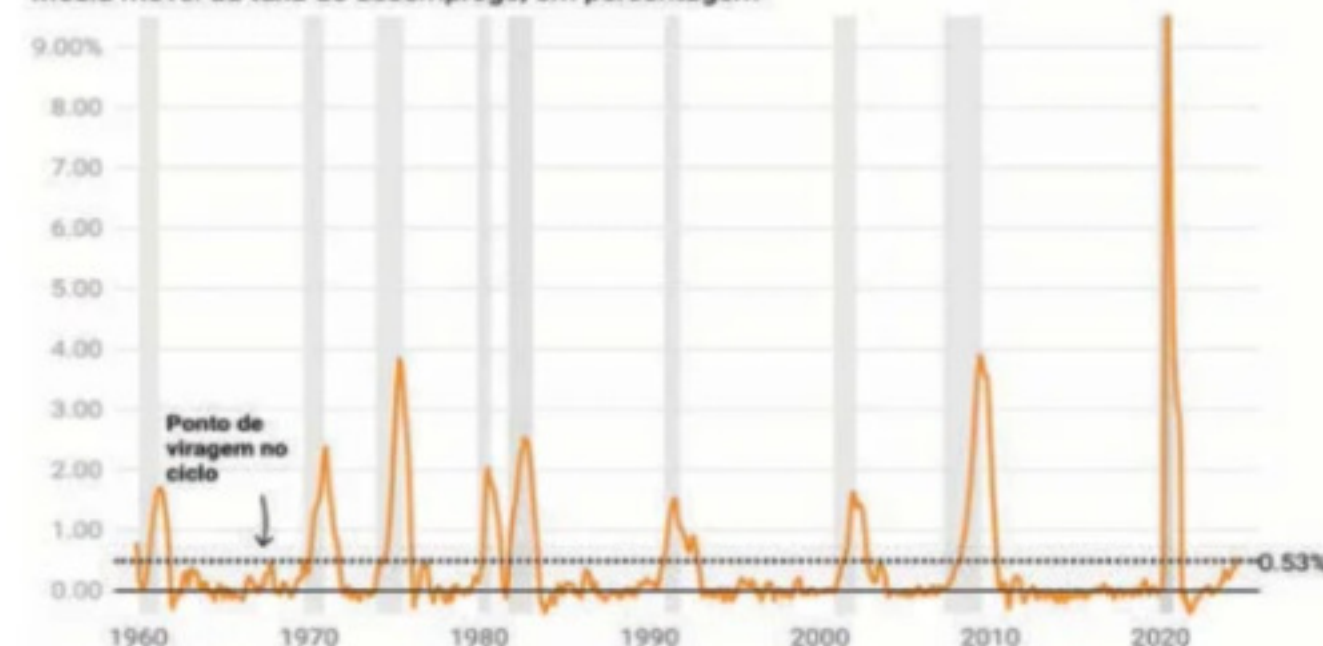
Krugman lembra que foi a Nvidia – estrela maior das sete magníficas – que mais caiu em bolsa nos EUA. ■

MAIS-VALIA

Não estamos numa recessão e, no entanto, os riscos existem porque temos estes aumentos na taxa de desemprego.

CLAUDIA SAHM

A antiga economista da Reserva Federal, autora da regra que correlaciona o aumento da taxa de desemprego com sinais de recessão veio colocar alguma água na fervura dos mais pessimistas. Além de dizer que as regras são para ser quebradas, acredita que não estamos a entrar numa fase de recessão e que a economia norte-americana ainda dá fortes sinais de resiliência.

A IMAGEM DAS COISAS

Nem tudo é tão simples como parece

A regra de Sahm, criada pela antiga economista da Fed Claudia Sahm, não pode ser lida de forma literal, sobretudo depois dos anos da pandemia que reorganizaram muito o mercado de trabalho.

Fonte: Reserva Federal de Saint Louis

ECONOMIA

HABITAÇÃO

Condomínios perdem poderes no encerramento dos AL

Regime para encerrar unidades de alojamento local volta a deixar a decisão final nas mãos dos presidentes de câmara, tendo em conta motivos devidamente fundamentados. Lei vai permitir às autarquias a criação de provedores para dirimir questões entre condóminos e titulares de licenças.

FILOMENA LANÇA
filomenalanca@negocios.pt

O Governo está também a alterar as regras sobre autorizações do condomínio para AL quando o prédio se destina a habitação.

Os condomínios vão perder o poder arbitrário de que dispõem atualmente e que lhes permite, desde que com um apoio de dois terços da permilagem do prédio, decidir pelo encerramento de uma ou mais unidades de alojamento local (AL) existentes no edifício. A decisão final volta a ficar nas mãos dos presidentes de câmara e, além disso, haverá mecanismos de conciliação e mediação entre as várias partes, passando a lei a prever a possibilidade de os municípios poderem instituir a figura de um Provedor do AL.

As medidas, que constam do conjunto de alterações aprovado pelo Governo no final de maio, foram confirmadas ao Negócios por fonte oficial do Ministério das Infraestruturas e Habitação. O decreto-lei aguarda agora pareceres das regiões autónomas da Madeira e dos Açores e da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) e só depois segue para promulgação.

Na prática estamos perante um recuo face ao que está em vigor desde o ano passado, com o pacote Mais Habitação, do anterior Governo, com o qual o alojamento local viu a sua atividade fortemente restringida. Refira-se, no entanto, que a versão final do diploma agora aprovado ainda não é conhecida, ficando por saber qual a orientação do atual Governo, nomeadamente, quanto à criação de novos estabelecimentos em prédios em propriedade horizontal, para as quais é hoje exigida, expressamente, uma autorização por unanimidade do condomínio, desde que o imóvel se destine a habitação.

> **Apoiamos a possibilidade de haver aqui sistemas que ajudem a chegar a um acordo.**
>
> EDUARDO MIRANDA
> Presidente da Associação do Alojamento Local em Portugal

Mas vamos por partes. Com o Mais Habitação, passou a ser possível que um condomínio, desde que com o apoio de um número de condóminos correspondente a dois terços da permilagem do edifício, possa decidir que não quer ter AL no edifício, comunicando essa decisão à câmara sem necessidade de qualquer justificação adicional. Depois disso, o titular da licença tem 60 dias para encerrar a sua atividade naquele local. Isto só não poderá ocorrer quando o título constitutivo da propriedade horizontal expressamente preveja a utilização da fração para fins de alojamento local ou se tiver havido deliberação expressa da assembleia de condóminos a autorizar a utilização da fração para aquele fim.

Ora o que agora se pretende é que o condomínio continue a ter a possibilidade de interferir, mas em moldes bastante diferentes. "No caso de a atividade de alojamento local ser exercida numa fração autónoma de edifício, ou parte de prédio suscetível de utilização independente, a assembleia de condóminos pode opor-se ao exercício da atividade de alojamento local na referida fração, através de deliberação fundamentada e aprovada por mais de metade da permilagem do edifício", explica fonte oficial do gabinete de Miguel Pinto Luz.

Apesar de passar a ser suficiente 50% da permilagem – mais fácil do que pôr de acordo dois terços dos condóminos – este direito de oposição só poderá operar "com fundamento na prática reiterada e

Inês Gomes Lourenço

comprovada de atos que perturbem a normal utilização do prédio, bem como de atos que causem incómodo e afetem o descanso dos condóminos". Ou seja, desaparece, como referido, o poder arbitrário do condomínio, que passa a ter de expor a situação à autarquia, solicitando "uma decisão do presidente da câmara territorialmente competente", prossegue a mesma fonte.

Nova figura do Provedor

E se até aqui mais não se faz do que recuperar o regime anterior ao Mais Habitação, a nova lei traz novidades no que se refere à mediação. Assim, "em alternativa ao cancelamento imediato do registo do estabelecimento de AL", o presidente pode convidar as partes a obterem um acordo", sendo que a lei passará a prever expressamente que os regulamentos municipais podem determinar "a designação de um 'provedor de alojamento local' que apoie o município na gestão de diferendos entre os residentes, os titulares de exploração de estabelecimentos de AL e os condóminos", explica o Governo.

Esta aposta na mediação é vista especialmente com bons olhos pelo setor, que sempre tem defendido a necessidade de, para estes casos de diferendo entre condóminos e titulares das licenças, encontrar "uma solução de equilíbrio". "São aqueles casos em que um alojamento local esteja a ter práticas reiteradas e graves de distúrbios, em que não cumpra as regras básicas do condomínio", exemplifica Eduardo Miranda, presidente da Associação do Alojamento Local em Portugal (ALEPO). "Nunca se percebeu por que razão se acabou com a possibilidade de o condomínio pedir o cancelamento nessas situações", sendo que nós "apoiamos a possibilidade de haver aqui sistemas que ajudem a chegar a um acordo", acrescenta.

Em Portugal, aliás, já se ensaiaram soluções que incluíram um provedor, explica Eduardo Miranda. "O Porto já teve um provedor, sem muitos instrumentos legais para propor um acordo ou gerir situações, mas que tentava encontrar uma mediação e tinha ótimos resultados". Em linha, aliás, "com experiências noutros países, por exemplo em Espanha, em Barcelona, onde mais de 80% das questões eram resolvidas por acordo e mediação e só as restantes iam para uma decisão final de encerramento ou manutenção", descreve o presidente da ALEPO. ■

Tome Nota

As mudanças em curso na lei do alojamento local

O Governo de Luís Montenegro comprometeu-se desde o início a reverter algumas das medidas do Mais Habitação, parte delas relativas ao arrendamento de curta duração a turistas.

FIM DA CONTRIBUIÇÃO EXTRAORDINÁRIA
Era uma das grandes batalhas do setor e o Governo já tratou de a revogar. A Contribuição Extraordinária sobre o Alojamento Local (CEAL), que seria paga este ano pela primeira vez, não chegou, afinal, a sair do papel e a sua revogação já foi publicada em Diário da República.

IDADE DOS PRÉDIOS VOLTA A CONTAR PARA O IMI
Também já desapareceu a regra do código do IMI segundo a qual os imóveis destinados ao alojamento local (AL) não podiam ver refletidas no seu valor patrimonial tributário quaisquer reduções decorrentes da idade. Em causa o chamado coeficiente de vetustez, uma das componentes da fórmula de cálculo do valor patrimonial tributário das casas, que serve de base de cálculo do IMI.

LICENÇAS PODERÃO SER TRANSMITIDAS
Em caso de transmissão, as licenças de alojamento local podem passar para o novo proprietário, ao contrário do que acontece atualmente, em que são pessoais e intransmissíveis, isto é, a sua existência depende de se manterem na titularidade de quem as pediu inicialmente (exceção para os casos de morte do titular). O Governo ainda não explicou exatamente em que moldes vai alterar a lei e o que acontece se, por exemplo, a casa passar para o arrendamento habitacional e, mais tarde, o proprietário quiser voltar ao AL. A medida faz parte de um diploma já aprovado, mas que ainda aguarda promulgação.

LEVANTADA A SUSPENSÃO DE NOVAS LICENÇAS
A ideia é que passem a ser as câmaras municipais a decidir, em função das necessidades habitacionais dos seus municípios, até onde devem ir na concessão de novas licenças de alojamento local – poderão, por exemplo, definir ao nível das freguesias. Hoje em dia está em vigor uma suspensão, nomeadamente nos municípios do litoral. As áreas de contenção, essas deverão manter-se.

LICENÇAS SEM DURAÇÃO NO TEMPO
É outra medida da qual não se conhecem os contornos finais, mas a ideia é que as licenças permaneçam no tempo, acabando a norma que prevê que, a partir de 2030, tenham de ser renovadas a cada cinco anos.

ECONOMIA

CONJUNTURA

Indústria alemã atrapalha aterragem da Zona Euro

Produção industrial germânica persiste já há mais de um ano a cair e as perspetivas para a economia afundaram como não acontecia desde o verão de 2022. O PIB do euro deverá persistir em marcha lenta até ao final do ano.

MARIA CAETANO
mariacaetano@negocios.pt

Wolfgang Rattay/Reuters

As novas encomendas da indústria estão 11,8% abaixo de há um ano.

INDÚSTRIA EM QUEBRA HÁ MAIS DE UM ANO

Variação homóloga do índice de produção industrial da Alemanha, em percentagem

O índice de produção industrial da Alemanha mantém-se já há 13 meses com variações homólogas negativas, e fortemente enfraquecido face ao desempenho do pré-pandemia. Em junho, a produção era 4,1% inferior à de um ano antes.

-0,1%

ALEMANHA
O PIB alemão recuou 0,1% no segundo trimestre, marcado por quebra no investimento, segundo dados preliminares do Destatis.

0,3%

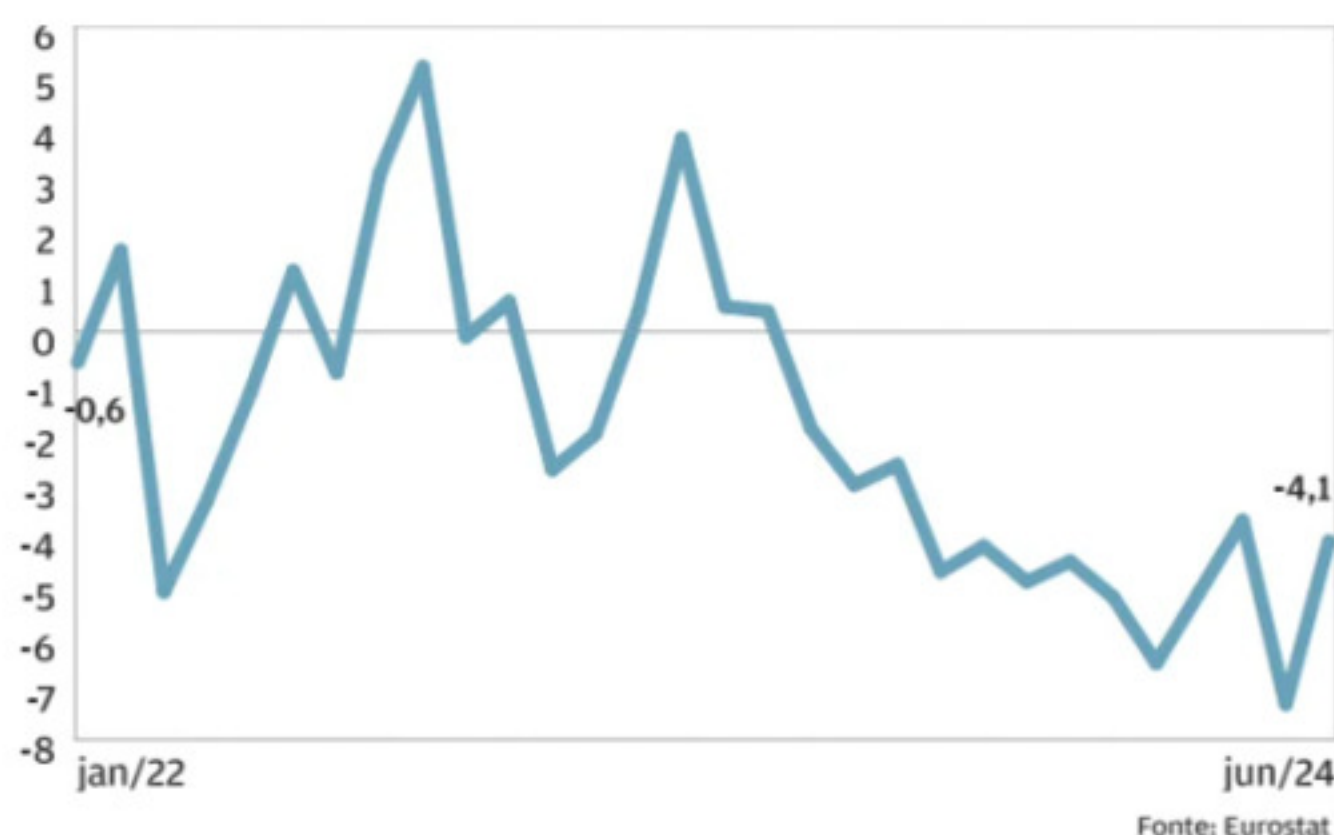
ZONA EURO
As 20 economias da Zona Euro, no seu conjunto, registaram um crescimento trimestral de 0,3%, mantendo o ritmo do início de ano.

O cenário de uma recuperação moderada da economia alemã ainda não se confirma, com os dados de produção industrial e de sentimento económico mais recentes a apontarem para evoluções negativas ao longo dos próximos meses. A Alemanha continua a colocar dificuldades à aterragem económica do espaço da moeda única, que poderá persistir em ramerrão na segunda metade do ano.

Em junho, a indústria alemã completou já 13 meses consecutivos em que o índice de produção persistiu abaixo da marca de um ano antes, com o indicador à entrada do verão numa quebra homóloga de 4,1%. Para o conjunto da Zona Euro, a evolução é semelhante, com o índice de produção industrial a situar-se em junho 3,9% abaixo do nível de um ano antes, de acordo com a informação libertada na última quarta-feira pelo Eurostat.

Apesar da manutenção de uma trajetória de quebras de produção, a evolução mensal na Alemanha ofereceu um valor positivo, com um melhoria ligeira de 1,6% face aos dados de maio. Esta fica no entanto ainda muito longe de compensar o enfraquecimento progressivo da indústria alemã ao longo dos últimos anos, com o índice de produção industrial a situar-se neste momento mais de 10% abaixo do nível que registava no pré-pandemia.

Não há uma inversão da tendência em perspetiva. Os dados divulgados na passada semana pelo gabinete oficial de estatísticas da Alemanha, o Destatis, revelaram que em junho as novas encomendas da indústria germânica ficavam 11,8% abaixo de um ano antes. Tal como no indicador da produção, registam-se melhorias mensais – um ganho de 3,9% face às indicações dadas pelas empresas em maio –, mas com a reanimação das carteiras industriais a dever-se em grande medida às encomendas domésticas, que cresciam 9,1%. Os mercados externos ofereciam uma mera subida de 0,4%, sendo que as encomendas vindas de outros países da Zona Euro recuavam 0,3%.

Depois de a economia alemã ter voltado a contrair-se no segundo trimestre, recuando 0,1%, os mais recentes indicadores de sentimento económico no país, divulgados pelo instituto ZEW na passada terça-feira, apontam para um cenário fortemente sombrio. O indicador afundou como não sucedia desde o verão de há dois anos, logo após a invasão da Ucrânia pela Rússia, quebrando de 41,8 para 19,2 pontos.

"As perspetivas económicas para a Alemanha estão a colapsar", resumiu o instituto.

Também o indicador ZEW de sentimento económico quanto aos desenvolvimentos na Zona Euro caiu a pique, num nível que não se verificava desde abril de 2020, na pandemia. Passou num mês dos 43,7 aos 17,9 pontos.

As novas deterioração nas condições económicas da Alemanha poderá, de resto motivar revisões em baixa no crescimento esperado para o bloco da moeda única, que até tinha surpreendido no arranque do ano e levado o Banco Central Europeu a apostar em 0,9% de subida do PIB neste ano. O banco de investimento alemão Berenberg, por exemplo, baixou já as expectativas para a Zona Euro. Prevê agora quatro trimestres consecutivos de subidas trimestrais de 0,3% até ao final do ano. A manter este ritmo, o espaço do euro poderá ainda alcançar 0,8% de crescimento, mas qualquer aceleração da economia fica adiada para 2025. ■

EMPRESAS

INDÚSTRIA DE DEFESA

EID ganha contrato de 30 milhões da NATO

Empresa lusa de tecnologia militar ganhou o concurso internacional da NATO para fornecer um sistema de comunicações ao exército português. E tem em vista oportunidades de 60 a 80 milhões.

HUGO NEUTEL
hugoneutel@negocios.pt

A EID, empresa portuguesa especializada em tecnologia de comunicações militares, venceu um concurso internacional lançado pela NATO para fornecer um sistema de comunicações ao exército português. O contrato vale 30 milhões de euros e foi lançado por uma agência da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

"É um sistema de comunicações que tem vários elementos que o cliente pode combinar consoante os seus requisitos", explica ao Negócios o diretor executivo da EID, Martin Bennett. O prazo para a execução, que será realizada em várias fases, é de três anos. "Em termos simples, é um conjunto de pequenos contentores transportáveis que são usados pelo exército no terreno. Dependendo do que o exército precisar, pode escolher e combinar os contentores, que têm vários equipamentos de comunicação", diz o responsável.

O facto de a EID ter vencido o concurso internacional permite continuar uma relação com as Forças Armadas portuguesas que não é de hoje: "Cimenta e solidifica a nossa relação de longo prazo com o exército português", enfatiza. Portugal representa tipicamente 40% do negócio da empresa.

Este não foi, no entanto, o único contrato que a EID, que exporta 60% da sua produção, ganhou nos últimos meses para a instalação de sistemas de comunicações. Houve outros dois, mas nesses a tecnologia é destinada não ao exército mas a embarcações militares. São sistemas integrados que reúnem rádio, satélite, sonar e qualquer forma de comunicação, podendo ser voz, dados ou vídeo. Informação digitalizada que é canalizada para terminais de utilizadores individuais. "Um navio pequeno pode ter dez. Um navio muito grande pode ter 50 ou 60", explica Bennett.

Um desses contratos tem também Portugal como destino final, embora tenha sido assinado com o grupo Damen, um gigante do setor da construção de navios sediado nos Países Baixos. Trata-se da construção do sistema de comunicações do D. João II, um navio multifunções da armada portuguesa, sendo que, neste caso, o contrato também prevê o desenvolvimento de toda a rede eletrónica do navio e a instalação de telefones submarinos. O D. João II, financiado em quase 95 milhões de euros pelo Plano de Recuperação e Resiliência (que se somam a 37,5 milhões de investimento público), deverá ser entregue ao Estado português em 2026.

O outro contrato foi com a marinha do Chile e prevê a instalação de comunicações em duas fragatas.

A empresa não divulga os valores destes dois concursos, mas o diretor executivo avança que, somados ao da NATO, elevam a contratação para 48 milhões de euros.

Já no final do ano passado, a EID tinha vencido o concurso para construir um sistema de comunicações a aplicar em dois navios militares das Filipinas.

Mais negócio em vista

A EID, que desde 2016 é controlada pela britânica Cohort, não divulga resultados financeiros detalhados, mas ainda assim o diretor executivo deixa pistas sobre a evolução do negócio.

"Temos de ser cautelosos. Mas diria que até esta altura do próximo ano teremos oportunidades de aproximadamente 60 a 80 milhões de euros", indica.

Em ritmo de cruzeiro, a empresa tem um volume de negócios a rondar os 20 milhões de euros anuais, valor que deverá crescer nos próximos tempos. O responsável avança que a estratégia da companhia é atingir "30 milhões de euros de receitas por ano até 2026".

Grande parte dessas vendas deverão continuar a acontecer em mercados externos, como tem sido habitual na empresa, cuja assinatura está em mais de 200 na-

A EID, fundada em 1983 enquanto empresa pública e vendida à britânica Cohort

A EID venceu recentemente outros dois contratos. Um deles também tem como destino um navio português.

Rui Minderico

em 2016, especializou-se em comunicações militares, setor no qual é um "player" mundial.

vios e está presente em todos os continentes. "Todos, exceto a Antártida", brinca. Sendo que dela beneficiarão não apenas a empresa, mas os seus 300 fornecedores nacionais, diretos e indiretos.

10% reinvestido em investigação

Operando num setor altamente tecnológico, a EID tem como objetivo permanente o reinvestimento de 10% das receitas em Investigação & Desenvolvimento. Meta que, garante o responsável, tem sido atingida: "O desenvolvimento de tecnologia e a sua aplicação são a nossa força vital, é extremamente importante".

Para isso, conta com um quadro de pessoal de 130 pessoas, que, na intenção da EID, vai crescer para 150 ao longo do próximo ano. A tarefa, no entanto, pode ser complexa, se as dificuldades de contratação continuarem. E quanto maior a especialização, mais árdua é a missão de encontrar profissionais. "Principalmente pessoal de engenharia que tenha experiência na nossa área específica de negócio, porque a indústria de defesa em Portugal não é grande, portanto o conjunto de pessoas experientes é bastante pequeno", lamenta. E é exatamente para fazer face a essa dificuldade que a EID está a "considerar seriamente" o desenvolvimento de um sistema de pós-graduação, no qual possa "trazer jovens e começar a treiná-los da base para o topo", avança. ■

Nos próximos 12 meses, haverá oportunidades de negócio no valor de 60 a 80 milhões de euros, estima a empresa.

PERGUNTAS A MARTIN BENNETT

Diretor Executivo da EID

"Não vendemos à Ucrânia, não porque não queiramos"

O diretor executivo da EID não tem a certeza que o objetivo, estabelecido pelos membros da NATO, de atingir uma despesa de 2% do PIB em defesa até 2030 vá ser atingido, mas acredita que o investimento vai aumentar, mesmo que não alcance aquela meta. Martin Bennett confessa que se a companhia não vende diretamente à Ucrânia, não é porque não queira, mas antes por um desfasamento entre o que a EID oferece e o que o país de Volodymyr Zelensky procura.

Vejo aumentos da capacidade de defesa nos países europeus, incluindo Portugal. Há uma tendência para aumentarem, mesmo que não cheguem àquele número [de 2% do PIB].

A NATO tem o objetivo de aumentar o investimento em defesa para 2% do PIB até 2030. É uma meta alcançável?

O Reino Unido pretende aumentá-lo para 2,5%. Penso que a Polónia já o fez, tem uma ameaça existencial. O facto de a Alemanha ter avançado para um aumento dos gastos na defesa é algo que talvez os mais cínicos não pudessem adivinhar há dois ou três anos. Estou otimista. Serão atingidos os níveis exigidos? Teremos de ver. Vejo aumentos da capacidade de defesa nos países europeus, incluindo Portugal. Há uma tendência para aumentarem, mesmo que não cheguem àquele número.

A situação na Ucrânia teve impacto na empresa? Vendeu mais por causa disso?

Se vendemos diretamente para a Ucrânia? Não vendemos. Não porque não queiramos. Para ser sincero, o que a Ucrânia pretende não corresponde necessariamente ao que vendemos. Um impacto indireto na indústria da defesa como um todo, diria que sim, deve ter acontecido. As compras em geral estão em alta e isso poderá ter um impacto positivo na EID. Mas não há uma correlação direta com a Ucrânia.

A EID está em todos os continentes?

Há pelo menos cerca de 200 navios com "kits" nossos. Na Europa, e particularmente em Portugal, somos fortes. Nos Países Baixos também. O Chile é um exemplo de um novo mercado. Temos [negócios] na Indonésia, na Malásia, em Singapura, nas Filipinas. Não muito no Médio Oriente, estamos a começar. Temos muito sucesso na Austrália. Não temos nada na Antártida (risos). ■

ENERGIA

Importações de gás russo caem para valor mais baixo desde 2020

Na primeira metade do ano, Portugal importou 93,6 milhões de metros cúbicos de gás natural liquefeito russo (4,5% do total), metade da quantidade registada em igual período do ano passado. Em 2023, a Rússia foi o terceiro maior fornecedor do país.

BÁRBARA SILVA
barbarasilva@negocios.pt

No primeiro semestre de 2024 o porto de Sines recebeu um total de 25 navios (30 até ao final de julho) carregados com gás natural liquefeito, mostram as estatísticas da REN – Redes Energéticas Nacionais. Somando o gás que chega de Espanha por gasoduto, entre janeiro e junho o terminal da REN foi abastecido com mais de dois mil milhões de metros cúbicos de gás. Deste volume, 44,5% veio da Nigéria, 41,5% dos Estados Unidos, 9,5% de Espanha e 4,5% da Rússia (apenas um navio).

As importações nacionais de gás russo no primeiro semestre do ano dizem assim respeito a uma só descarga registada em Sines no mês de maio, de 93,6 milhões de metros cúbicos. Este é o valor mais baixo para a primeira metade do ano, desde 2020, revelam os dados da Direção Geral de Energia e Geologia (DGEG).

Por comparação com o período homólogo do ano passado, trata-se de uma redução para metade da quantidade de GNL trazido da Rússia que deu entrada em Portugal na primeira metade de 2024. No mesmo intervalo de tempo de 2023 registaram-se duas cargas provenientes deste país, em fevereiro e em abril, num total de 186 milhões de metros cúbicos até junho. Volume semelhante chegou também no primeiro semestre de 2022, que disse respeito aos primeiros meses de ofensiva da Rússia na Ucrânia, conflito armado que dura já há mais de dois anos. Recuando ainda mais, na primeira metade de 2021 Portugal importou um recorde de 460 milhões de metros cúbicos de GNL russo, depois dos 277 milhões de 2020.

No global de 2023, Portugal importou quase cinco mil milhões de metros cúbicos de gás, dos quais 374 milhões da Rússia (7,6% do total), com quatros cargas a chegar ao longo dos 12 meses. Em 2022 este valor foi mais baixo: chegaram três cargas de navios russos que corresponderam a 4,8% de quase 5,9 mil milhões de metros cúbicos.

Luis Guerreiro

No primeiro semestre, o terminal da REN, em Sines, recebeu apenas uma carga de gás da Rússia, em maio.

460

VALORES MÁXIMOS
Entre janeiro e junho de 2021 registou-se o valor mais alto (no primeiro semestre) de gás da Rússia: 460 milhões de metros cúbicos.

Naturgy vai trazer gás da Rússia até 2038

Na primeira metade deste ano, as importações portuguesas de gás natural caíram 12% face a igual período do ano passado, mostram os dados da DGEG analisados pelo Negócios. Já na primeira metade de 2023 a tendência tinha sido a mesma, com uma queda de 20% face a 2022. As portuguesas Galp e EDP, e as espanholas Endesa e Naturgy são as grandes importadoras de gás natural para o país, indo abastecer-se a geografias como a Nigéria, Estados Unidos, Trindade e Tobago e Espanha, dependendo dos respetivos contratos de abastecimento de longo prazo.

A Galp, por exemplo, tem registado quebras nos abastecimentos nigerianos e ainda não começou a receber gás norte-americano, tendo anunciado há pouco tempo um novo acordo com a Cheniere para importar gás dos EUA durante 20 anos. Já a Naturgy é a única que admite importar gás da Rússia, com base num contrato assinado em 2018 e com duração até 2038. Já este ano, a empresa lembrou que está obrigada a respeitar esse acordo e não vê motivos para quebrar o compromisso comercial.

No que diz respeito a preços, de acordo com a DGEG, em junho de 2024, o valor médio (ponderado) das importação de gás natural situou-se em 28 euros por MWh, o que comparando com os 23 euros por MWh de junho de 2023, representa um aumento de 22%. Até metade do ano, o consumo de gás natural reduziu 19,9% no país, em relação ao período homólogo, com destaque para o setor da energia (-50,1%).

Também a nível europeu, no primeiro semestre de 2024 as importações de gás ficaram abaixo do registado em igual período do ano passado, mostram os números da Agência da UE para a Cooperação entre Reguladores de Energia (ACER). Na origem do fenómeno estão as compras mais reduzidas de GNL (-11%) e a queda nos fluxos via gasoduto a partir do Reino Unido. Até junho de 2024, 38% do gás importado pela UE foi GNL que chegou por navio (42% em 2023), 31% por gasoduto vindo da Noruega (29% em 2023) e 11% da Rússia (8% no ano passado). Além destes mercados, a UE também mandou vir gás do Reino Unido, Azerbaijão, Argélia e Líbia.

"Apesar de ter mais capacidade para receber GNL, a União Europeia baixou as suas importações na primeira metade de 2024", confirma a ACER. A redução da utilização dos terminais de GNL, sobretudo entre abril e junho (-20%), explica-se devido a um aumento nas falhas da produção mundial de gás natural liquefeito (+44%), que limitaram a oferta disponível, e a uma maior competição global neste mercado, com maior procura por parte dos países asiáticos e outras regiões consumidoras de GNL. Os Estados Unidos continuam a ser a principal origem (47%) do GNL importado pela Europa, seguidos da Rússia (19%), Qatar (11%), Argélia (8%), Nigéria (5%) e outros países (9%), mostram os dados mais recentes da ACER, publicados em julho. No que diz respeito a preços, no índice holandês TTF (benchmark europeu), estes têm vindo a aumentar desde o início de 2024, mas ainda assim estão 33% abaixo dos valores praticados na primeira metade do ano passado. ■

CEREAIS

Governo "fortemente empenhado" em encontrar solução para Silopor

Ministério das Finanças diz estar a estudar soluções para a empresa pública de silos portuários, sem avançar pistas a um ano do fim da concessão. E nada diz sobre os 157,6 milhões que o Estado reclama a título de juros.

O Governo garante estar "fortemente empenhado" em encontrar uma solução para a Silopor, que se encontra em liquidação há 24 anos, embora não tenha dívidas e registe lucros, mas sem avançar pistas sobre o plano que tem para a empresa pública de silos portuários, que descarrega metade dos cereais em Portugal.

Numa curta resposta escrita ao Negócios, fonte do gabinete do ministro de Estado e das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, diz que "o Governo está a estudar a solução mais adequada para a Silopor, procurando mitigar as condicionantes operacionais existentes, associadas às limitações relacionadas com a situação de liquidação da Silopor que se arrasta há mais de duas décadas".

A empresa vive num limbo, por força da sua condição – de liquidação – que a condiciona no que toca a investimentos em grande escala – como seria aumentar a capacidade de armazenagem –, dado que carece de autorização do Estado, que a tem negado.

O Governo não responde, no entanto, que plano tem para a Silopor, particularmente em face da proximidade do fim da concessão da Administração dos Portos de Lisboa, mediante a qual a empresa opera, em junho de 2025, nem tão pouco adianta que soluções estão a ser estudadas.

Estado exige 157,6 milhões em juros, empresa questiona

A Silopor fechou o ano passado com "o mais elevado resultado da sua história", com os lucros a crescerem 42,25% para 5,45 milhões de euros.

Segundo o relatório e contas de 2023, o Estado reclama da Silopor 157,6 milhões de euros a título de juros de créditos antigos, todos regularizados integralmente pela empresa pública.

A comissão liquidatária da empresa entende, porém, que "os juros reclamados com data anterior aos últimos cinco anos se encontram prescritos" e, nesse sentido, dirigiu uma carta, em fevereiro à DGTF "solicitando orientação quanto ao enquadramento legal da deliberação, a qual, até ao presente, não obteve resposta", lê-se no relato sobre a auditoria das demonstrações financeiras.

O Negócios também questionou o Ministério das Finanças a este respeito, mas não obteve resposta às perguntas. ■

DIANA DO MAR

O MIT vai requalificar profissionais tecnológicos

A Code for All lançou o projeto MIT, uma solução para enfrentar os desafios da transformação digital no mercado de trabalho. Com um bootcamp intensivo de programação, o projeto visa requalificar profissionais para o setor de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). São avaliadas competências técnicas e psicométricas para identificar talento. A expectativa é de uma alta empregabilidade para os selecionados

SUSANA MARVÃO

Com a Code for All a requalificação de profissionais de TI vai ser mais eficiente.

A Code for All apresenta o projeto MIT como uma solução inovadora e essencial para enfrentar os desafios da transformação digital e a crescente procura por profissionais qualificados nas áreas de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Vencedor de um Prémio Nacional de Inovação (PNI) no segmento Negócios, categoria Educação, este projeto de investigação e desenvolvimento (I&D) visa requalificar recursos humanos para o setor de TIC através de um bootcamp intensivo de programação full-stack de 14 semanas.

"O projeto MIT surgiu da identificação de duas lacunas no mercado de trabalho: por um lado, a massificação de eliminação de postos de trabalho fruto da digitalização, e por outro, a falta de profissionais qualificados na área de Tecnologias de Informação", explicou ao Negócios Rui Ferrão, CTO (Chief Technology Officer) da Code for All.

O objetivo é, assim, colmatar os problemas identificados através da análise de talento antes de os candidatos adquirirem as competências de programação, o que permitirá a requalificação da força de trabalho de forma eficaz. "Era fulcral para a equipa desenvolver uma plataforma que permitisse ganhar escala, de forma a dar uma rápida resposta às necessidades das empresas que se deparam com uma crescente transformação dos postos de trabalho, podendo assim reorganizar as equipas e dar a oportunidade aos seus colaboradores de transitarem para uma área em expansão".

Através de Inteligência Artificial (IA), Machine Learning e análise psicométrica, a plataforma pode então identificar candidatos "com alto potencial para serem requalificados num curto período com as competências digitais necessárias para alavancar as suas carreiras através do bootcamp, produto que a empresa adjetiva como estrela da Code for All. "Ao automatizar o processo de seleção e admissão de candidatos, garantimos escalabilidade, eficiência e minimizamos os erros humanos, vieses, preconceitos e subjetividade associados ao processo tradicional", observa Rui Ferrão.

As métricas por detrás da avaliação

Como funciona exatamente a plataforma para avaliar as características dos candidatos? Começa com a recolha de data points, medidos através da interação do candidato com a plataforma, que serão calculados no modelo preditivo com recurso a IA e a Machine Learning. Alguns exemplos de métricas relacionadas com a performance do utilizador são a taxa de respostas certas e o tempo efetivo despendido na plataforma, exemplificou Rui Ferrão. Outras métricas relacionadas com aspetos psicométricos são o interesse em aprofundar determinada matéria (proxy para curiosidade) ou o número de vezes que pede ajuda (proxy para resiliência). "Como estes, temos muitos outros data points, que nos permitem chegar ao score final do candidato. A captura de informação é feita recorrendo sobretudo a uma infraestrutura event-driven, em que a plataforma dispara eventos sempre que algo relevante para o cálculo do modelo ocorre".

O projeto ainda se encontra

Getty Images

em fase de desenvolvimento, no entanto, adianta Rui Ferrão, já foi possível obter resultados animadores com a realização da prova de conceito e dos testes da plataforma em ambiente real. "Até ao momento, já se verificou uma melhoria da taxa de conversão dos candidatos do bootcamp da Code for All bem como uma maior adaptabilidade do produto às necessidades de negócio, além de uma redução de 20% do erro relativo médio, que testa os resultados obtidos pelo MIT score e os resultados das entrevistas técnicas (processo tradicional de identificação de talento)".

Abordagem holística

Para a empresa, o MIT distingue-se dos restantes sistemas e métodos de seleção dos candidatos para bootcamps de programação pela sua abordagem holística, que se foca na identificação de talento não só por avaliação de competências técnicas mas também pela inclusão de competências psicométricas, consideradas fundamentais para o sucesso dos candidatos no processo de requalificação para a área TIC. Desta forma, é possível efetuar uma previsão mais fidedigna do potencial de reconversão para uma carreira. "Além disso, é de destacar a identificação mais ágil de talento, a priori da formação, o que permite reduzir os recursos (seja tempo ou dinheiro) investidos, com uma taxa de sucesso superior".

Adaptável e escalável

Com um mercado de trabalho em constante evolução, o MIT está a ser construído de raiz com essa premissa, com o intuito de ser uma solução classificada pela empresa como "adaptável e escalável", com capacidade de ajustar o modelo preditivo a futuras alterações do mercado. "É nesse sentido que a equipa se foca em realizar testes, tais como o AB test, para pôr à prova diferentes conjuntos de exercícios e formas de aprendizagem e assim aferir qual delas é a mais eficaz, mantendo a qualidade durante todo o processo, que será revisto periodicamente, de forma a manter-se atualizado", detalhou Rui Ferrão.

O impacto esperado do MIT na taxa de empregabilidade dos graduados da Code for All é ainda difícil de prever, diz o executivo, que, no entanto, acredita que será possível melhorar a capacidade de identificação e, deste modo, admitir os alunos com melhor probabilidade de serem requalificados para TI. Espera, por isso, um aumento da taxa de empregabilidade dos alunos que frequentem os bootcamps da Code for All.

Para Rui Ferrão, os principais desafios no desenvolvimento do MIT relacionam-se com o equilíbrio entre a componente técnica e psicométrica na identificação de talento. "Além disso, a adaptação ao mercado, que se encontra em constante evolução, implica prever as mudanças e ajustar os critérios e métodos de identificação de talento às mesmas".

Os próximos passos do desenvolvimento do projeto MIT definidos pela Code for All passam pelo aumento da certeza do modelo preditivo, através de testes e calibrações, e pela avaliação de novos data points para aprimorar o algoritmo. "A equipa encontra-se focada em aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto, que tem sido um processo interativo".

Rui Ferrão admite que vencer a 2ª edição do Prémio Nacional de Inovação é um motivo de grande orgulho, pelo reconhecimento de inovação e excelência da Code for All. "Este prémio valida não só o trabalho de investigação e desenvolvimento da equipa, mas também ajuda no aumento da visibilidade e reputação, que pode ser fundamental para o estabelecimento de parcerias estratégicas e oportunidades futuras". ■

Ao automatizar a seleção de candidatos garantimos eficiência e minimizamos os erros humanos.

RUI FERRÃO
Chief Technology Officer (CTO) da empresa Code for All

PERGUNTAS A RUI FERRÃO
CTO da Code for All

Preparar 80% da população europeia para ter digital skills até 2030

Como se alinha o projeto MIT com as iniciativas europeias de requalificação da força de trabalho?

O projeto MIT está extremamente alinhado com as iniciativas europeias de requalificação, cuja principal preocupação é a preparação da força de trabalho com as competências digitais para o mercado de trabalho atual e futuro. Ao desenvolver uma solução que permite a identificação de talento para a área TIC, baseada num modelo preditivo de AI e ML, livre de erros humanos e vieses cognitivos, a Code for All está a contribuir para a requalificação da força de trabalho, minimizando as consequências da digitalização, que se espera que force a extinção de mais de 800 milhões de postos de trabalho até 2030.

Quais os objetivos europeus?

O Digital Compass da UE definiu como objetivo 80% da população com digital skills básicas até 2030; no entanto, os especialistas estimam que, na realidade, apenas 64% dos europeus atingirão o target. Em resposta a estes desafios, iniciativas como o MIT são essenciais. A complexidade e a escala das necessidades de reskilling e upskilling exigem soluções inovadoras e disruptivas, como defendido pela Comissão Europeia através de programas como a European Skills Agenda.

Como garantem que o MIT não introduz vieses na seleção de profissionais candidatos ao bootcamp?

Todo o desenvolvimento do projeto e o próprio modelo de dados foi feito de forma a retirar os vieses na identificação de talento para ser requalificado. Quando um utilizador entra na MIT, é-lhe atribuído um ID anonimizado, excluindo todos os atributos sensíveis, como os dados demográficos. Além disso, o cálculo do score é feito pelo modelo, não dependendo de qualquer interação humana, sendo também esse um ponto crucial de forma a evitar subjetividade e falta de imparcialidade. Por fim, a Code for All toma todas as medidas possíveis de teste de subconjuntos de dados e validação do modelo, para identificar possíveis falhas tanto de desempenho como de viés, garantindo o correto funcionamento do mesmo. ■

O projeto MIT está alinhado com as iniciativas europeias de requalificação.

RUI FERRÃO
CTO da empresa Code for All

O fundo soberano norueguês conseguiu um retorno de 8,6% no primeiro semestre do ano, tendo chegado a junho com o equivalente a 1,67 biliões de dólares em ativos.

OBRIGAÇÕES

Exposição do Norges Bank em máximos desde a troika

O maior fundo soberano do mundo voltou a reforçar o investimento em Portugal. Apesar de ter reduzido, no primeiro semestre, o número de ações portuguesas que detém, comprou mais de 290 milhões de euros em dívida pública. No final do ano, tinha apenas 7,67 milhões.

LEONOR MATEUS FERREIRA
leonorferreira@negocios.pt

O fundo soberano da Noruega tem vindo a comprar dívida pública portuguesa ao longo deste ano, tendo fechado o primeiro semestre com mais de 270 milhões de euros em obrigações do Tesouro português. O valor fica muito acima dos 7,67 milhões de euros do final de 2023. O reforço na dívida mais do que compensou o desinvestimento em ações portuguesas e a exposição do Norges Bank a Portugal está assim no valor mais elevado desde 2011.

O fundo tem mais de 2,06 mil milhões de dólares (equivalente a 1,87 mil milhões de euros à taxa de câmbio atual) investidos em ações e obrigações portuguesas, sendo que é na segunda classe de ativos que tem reforçado a posição. De acordo com o relatório semestral, detinha, no fim de junho, 302,2 milhões de dólares (equivalente a 273,6 milhões de euros) em obrigações do Tesouro, o que representa uma subida de 3.468% em comparação com o final do ano passado. É preciso recuar até 2010 – antes do pedido de resgate à troika – para encontrar um valor tão elevado de dívida pública portuguesa na carteira do Norges Bank.

Com o mercado a antecipar que o Banco Central Europeu (BCE) viesse a cortar as suas taxas de juro de referência – o que se concretizou em junho – muitos grandes investidores procuraram bloquear "yields" mais elevadas na dívida europeia. Acresce o facto de Portugal ter regressado ao clube do rating A, o que tornou a dívida nacional mais atrativa e disponível para investidores com maiores restrições nas políticas de investimento.

Além de dívida do Estado, o fundo detém ainda o equivalente a 13,8 milhões de euros em obrigações do Governo Regional dos Açores (praticamente inalterado face ao final do ano passado) e títulos de emitentes privados. No grupo EDP também investiu mais, tendo acrescentado dívida da EDP Servicios Financieros España à da EDP e EDP Finance, que já tinha. No total são 115,5 milhões de euros. É ainda obrigacionista de três bancos: BPI, Santander Totta e Caixa Económica Montepio Geral (CEMG).

Feitas as contas, a exposição a obrigações portuguesas totaliza 585,5 milhões de dólares (equivalente a 530 milhões de euros), mais do dobro (139%) do que seis meses antes. As compras do Norges Bank de obrigações nacionais

Victoria Klesty/Reuters

3.468%

DÍVIDA
O fundo aumentou a dívida portuguesa em 3.468% para 302,2 milhões de dólares.

12

AÇÕES
O Norges Bank cortou posições em oito das 12 cotadas de Lisboa em que é acionista.

307

INFRAESTRUTURAS
Comprou 49% de um portefólio energético em Espanha e Portugal por 307 milhões.

mais do que compensou o desinvestimento em ações da bolsa de Lisboa.

O valor de mercado agregado das 12 cotadas portuguesas onde o fundo é acionista totaliza 1,4 mil milhões de dólares (equivalente a 1,27 mil milhões de euros), o que compara com 1,74 mil milhões de dólares (ou 1,57 mil milhões de euros) no fim de 2023. Esta variação tem, contudo, em consideração o preço dos próprios ativos. Ainda assim, olhando para a percentagem do capital que o Norges Bank detém em cada cotada, houve oito nas quais diminuiu as posições: Altri, BCP, CTT, Galp Energia, Jerónimo Martins, Mota-Engil e Sonae. Manteve o capital na Corticeira Amorim e na REN, tendo aumentado ligeiramente na EDP, EDP Renováveis e Nos.

Além destes ajustamentos, o Norges Bank saiu no primeiro semestre totalmente do capital da Ibersol, onde no final do ano passado detinha uma posição de 2,36%. Já em 2023, o fundo tinha saído das estruturas acionistas da Semapa e da Greenvolt.

As ações representam 72% da carteira de investimentos do Norges Bank no final do primeiro semestre, que totalizava 1,67 biliões de dólares. Aliás, a valorização de 8,6% conseguida no primeiro semestre deveu-se em larga medida às ações das tecnológicas, "devido à crescente procura por novas soluções de inteligência artificial", como explicou o CEO Nicolai Tangen, em comunicado.

Por seu turno, a dívida representa 26,1% da carteira. Com um peso mais pequeno há ainda imobiliário não cotado em bolsa (1,7%) e infraestruturas de energias renováveis também privadas (0,1%%). E foi aqui que o fundo reforçou igualmente a exposição a Portugal.

"O fundo fez três novos investimentos durante este período. Em janeiro, assinámos um acordo de aquisição de 49% num portefólio de ativos solares e eólicos 'onshore' em Espanha e Portugal por 307 milhões de euros", pode ler-se no relatório semestral, sem que seja especificado qual foi o investimento. ■

AÇÕES

Asas dos unicórnios fazem voar dimensão dos IPO até junho

Apesar da descida do número de entradas em bolsa na primeira metade do ano, a dimensão média destas operações cresceu quase 19%. E tudo graças à estreia de sete unicórnios que avançaram com ofertas públicas iniciais.

O número de entradas em bolsa, em todo o mundo, deslizou na primeira metade do ano. No entanto, esta queda não significou uma quebra da dimensão média das ofertas públicas iniciais (IPO, na sigla em inglês). E tudo, graças às asas dos unicórnios.

"Apesar da queda do capital angariado através de IPO, a dimensão média cresceu quase 19%, face ao segundo semestre de 2023", refere a World Federation of Exchanges (WFE), em comunicado. Este movimento inverso "deve-se parcialmente a sete entradas em bolsa de unicórnios", justifica a associação que agrega os mercados regulamentados.

Nacho Doce/Reuters

A espanhola Puig Brands foi um dos unicórnios a entrar em bolsa.

O maior unicórnio a voar para a bolsa até ao momento foi a Puig Brands, uma empresa centenária sediada em Barcelona e que faz da moda e dos perfumes o seu negócio. A companhia decidiu manter-se na sua pátria na hora de pisar o mercado regulamentado e está cotada em várias bolsas espanholas. Até agora, as ações ainda não conseguiram dar mais-valias a quem as comprou no momento da entrada em bolsa, em maio, tendo desvalorizado 8,6% para 22,56 euros. A cotada vale atualmente mais de 13,2 mil milhões de euros.

Outra grande (e esperada) entrada em bolsa foi a do Galderma Group, uma farmacêutica suíça da área da dermatologia que entrou na bolsa suíça no final de março, com cada ação a custar 64 francos suíços. Atualmente, os títulos negoceiam na fasquia dos 76 francos suíços. A capitalização de mercado é de 18,28 mil milhões de francos suíços. Estes dois são os destacados pela associação entre os sete referidos.

Américas são exceção

No primeiro semestre, o número de IPO registou uma queda de 24,2% face ao segundo semestre do ano passado. A quebra é, ainda assim, mais ligeira (8,7%) quando comparada com a evolução registada no período homólogo.

Tanto os mercados da Ásia-Pacífico como a Europa Médio Oriente e África (EMEA) viram o número de IPO diminuir. No caso do primeiro conjunto de países, a diminuição foi de quase 31% face ao segundo semestre e de 11,9% em termos homólogos, enquanto no caso da EMEA esta quebra foi de 31,7% em cadeia e de 19,8%, face ao mesmo período de 2023.

A região das Américas foi a única a registar um aumento do número de entradas em bolsa, em concreto uma subida de 36,4% em relação ao segundo semestre e de 20% em termos homólogos.

501

IPO
Os mercados em todo o mundo assistiram a 501 novas entradas em bolsa, ao longo do primeiro semestre deste ano.

Capitalização bolsista global cresce 5%

Ao todo, o mundo assistiu a 501 IPO na primeira metade do ano. Por sua vez, o capital arrecadado contabilizou uma descida homóloga de 10% e uma quebra em cadeia de 17%. De acordo com o comunicado, esta tendência foi sobretudo provocada por uma descida dos montantes na Ásia-Pacífico, região em que o capital captado caiu para mínimos de cinco anos. Já as Américas e o Médio Oriente, África e Europa registaram aumentos significativos do financiamento.

Os números avançados pela World Federation of Exchanges revelam ainda um aumento do apetite dos investidores pelo mercado acionista. No primeiro semestre, o montante investido em ações aumentou 11,7%, enquanto o volume de transações cresceu 9,6%, face à segunda metade do ano passado. Já em comparação com o semestre homólogo, as subidas foram de 9,71% e de 18,25%, respetivamente. Aliás, em termos semestrais, o número de transações é mesmo o mais alto dos últimos cinco anos. A capitalização bolsista global cresceu 5%. ■

FÁBIO CARVALHO DA SILVA

OPINIÃO

A COR DO DINHEIRO

CAMILO LOURENÇO
Analista de economia
camilolourenco@gmail.com

O pacto para a Saúde

O pacto de regime na Saúde é assunto recorrente nesta coluna. O assunto ganhou relevo devido à intervenção do Presidente da República e do comentador Marques Mendes. De tal forma que o PS, que na semana anterior o havia condenado ao fracasso, vem agora dizer que está disposto a analisar o tema... mas sob certas condições. Sendo que a mais importante delas é não se desviar dinheiro para os privados.

Curioso: o partido que contribuiu para que quase 4 milhões de portugueses passassem a ter seguro de saúde (para recorrer aos privados), fala em dar dinheiro aos privados. O partido que criou condições para os privados da Saúde terem lucros recorde é quem fala em não "desnatar" o SNS... Ridículo!

Quer isto dizer que o referido pacto está condenado ao fracasso? Sim. E Marcelo Rebelo de Sousa tem muitas responsabilidades nisso. Durante os 8 anos de governos António Costa nunca se preocupou em colocar o assunto na agenda (sabia que o anterior primeiro-ministro o mandaria às malvas). Agora que tem uma fogueira a arder nas urgências (e não só) resolveu botar faladura. Ninguém o leva a sério.

O PS faz bem em dinamitar o pacto? Não. A ausência de um pacto na Saúde significa que a alternância entre PS e PSD leva à mudança do modelo de organização do SNS de cada vez que um deles chega ao poder... deitando por terra até o que de bom foi feito. Ora não há melhor forma de condenar o SNS à irrelevância. Se Pedro Nuno Santos quer prestar um serviço ao país, devia começar a preparar o partido para a inevitabilidade de um acordo entre PS e AD na Saúde. Caso contrário, daqui a cinco anos vamos estar aqui a dizer que o SNS está pior do que em 2024. E com o dobro dos custos. ■

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

JOANA GAROUPA
CEO da Garoupa INC e autora de "Manual de Sobrevivência para o mundo corporativo"

Ser prático vs. ser estratégico

Na era moderna, marcada pela rapidez nas decisões e pela pressão por resultados imediatos, frequentemente pensa-se que ser prático é oposto a ser estratégico. Esta visão dicotómica sugere que quem é prático foca-se apenas no presente, resolvendo problemas de forma rápida e direta, enquanto o estratégico é outro alguém que privilegia planos de longo prazo, ponderando cada movimento com cuidado. No entanto, esta conceção simplista desconsidera a complementaridade e a sinergia entre ambas as abordagens. Ser prático não é antagónico a ser estratégico; pelo contrário, a combinação das duas abordagens é uma poderosa ferramenta de eficácia e sucesso.

Ser prático é uma qualidade essencial em qualquer contexto. Na vida quotidiana e no ambiente profissional, a capacidade de resolver problemas de forma imediata e eficaz é fundamental. A praticidade envolve uma orientação para a ação, a tomada de decisões rápidas e a implementação de soluções que atendam às necessidades urgentes. É o tipo de abordagem que, num ambiente corporativo, permite que as operações continuem a fluir, mesmo diante de obstáculos inesperados. No entanto, se ser prático fosse apenas isso – uma resposta reativa e imediata –, poderia levar à resolução de sintomas sem atacar a raiz dos problemas.

A estratégia envolve uma visão mais ampla e de longo prazo. Um estratega não se preocupa apenas com o aqui e agora, mas sim com as implicações futuras de cada decisão. Ser estratégico requer antecipação, análise cuidadosa das circunstâncias e a capacidade de prever possíveis cenários e desenhar planos que possam ser adaptados conforme o contexto evolua. No entanto, uma abordagem excessivamente estratégica, sem a aplicação prática, pode resultar em planos elaborados que ficam apenas no papel, sem nunca serem implementados de forma eficaz.

É aqui que surge a necessidade de harmonizar praticidade e estratégia. Um gestor que seja apenas prático pode conseguir manter a empresa a funcionar no curto prazo, mas, sem uma visão estratégica, pode falhar em preparar a organização para desafios futuros ou em capitalizar sobre oportunidades a longo prazo. Por outro lado, um gestor puramente estratégico pode desenhar planos ambiciosos, mas, sem a capacidade de os executar de forma prática, esses planos podem nunca sair do papel.

O verdadeiro desafio, e a verdadeira competência, reside na capacidade de integrar estas duas abordagens. A sinergia entre a praticidade e a estratégia é o que distingue líderes eficazes e organizações bem-sucedidas. Ser prático com uma visão estratégica permite que as decisões tomadas no presente sejam informadas por uma compreensão clara dos objetivos futuros. Um exemplo clássico desta integração pode ser visto na gestão de crises. Quando uma empresa enfrenta uma crise inesperada, a resposta imediata requer praticidade – ações rápidas para mitigar danos e manter a operação em funcionamento. No entanto, uma resposta eficaz à crise não termina aí. A estratégia entra em jogo quando o gestor, além de resolver a crise imediata, também analisa as causas subjacentes e desenha planos para evitar futuras crises semelhantes, ou para transformar a adversidade em uma oportunidade de crescimento.

#Myenergyshot – Na vida pessoal, esta integração também é crucial. Ser prático pode significar organizar o dia a dia de forma eficiente, cumprindo tarefas e obrigações sem atrasos. No entanto, sem uma estratégia de longo prazo – como o planeamento de carreira, a gestão financeira ou o desenvolvimento pessoal –, a vida pode tornar-se uma série de ações desconexas, sem uma direção clara. A verdadeira realização pessoal vem da capacidade de alinhar as ações diárias (práticas) com objetivos maiores e mais significativos (estratégicos).

Num mundo em constante mudança, onde a imprevisibilidade é a única constante, a capacidade de ser simultaneamente prático e estratégico é, sem dúvida, uma das competências mais valiosas que se pode cultivar. ■

> A sinergia entre a praticidade e a estratégia é o que distingue líderes eficazes e organizações bem-sucedidas.

Coluna quinzenal à sexta-feira

MALA DIPLOMÁTICA

MARIA LUÍSA MOREIRA
Consultora na área da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

A democracia também se desfaz em carateres

Shannon Stapleton/Reuters

Vi algo de positivo no facto das redes sociais, o discurso de ódio, os limites à liberdade de expressão e as possíveis barreiras ao poder económico singular que permite comprar uma plataforma global de grande influência política serem temas na ordem do dia. Cada um destes problemas poderia ser objeto de uma crónica à parte, mas pensemos apenas no ecossistema do mundo digital: no que se tornou, no que alberga e no que perpetua. Este debate político é importante, até porque as coisas já não são como dantes, e hoje as trincheiras, a moderação e a partilha de opinião pública são o resultado das regras, ou da falta delas, num espaço online fértil e sujeito a manipulação redobrada.

Entre ciclos eleitorais e agora também em vésperas das eleições de uma superpotência mundial, a verdade é que não faltam atores a tentar influenciar e regular o tema: Trump criou uma rede social alternativa onde pode falar com discípulos MAGA sem censura do senso comum; Musk comprou o Twitter e despojou-o de humanidade, transformando-o numa autêntica máquina de guerra civil entre "bots" e seres humanos igualmente radicalizados; e a União Europeia corre atrás do prejuízo, mas raramente invoca convictamente o nível de perigo civilizacional que estes movimentos representam. Quaisquer que sejam as políticas públicas e as leis internacionais que saiam deste ciclo mediático e político, e independentemente de quem as implemente primeiro, chegarão já tarde demais.

E se o Reino Unido sentiu recentemente o produto do discurso anónimo, polarizado e impune na internet, imagine-se o que poderá acontecer no país das liberdades individuais, a poucos meses das urnas que poderão alterar o equilíbrio de poder mundial. O contexto das lacunas democráticas dos EUA, embora não muito diferente do nosso, tem um peso simbólico, e o Irão, a China e a Rússia querem tirar partido disso mesmo para promover a propaganda, a desinformação e o caos social num ano marcado pela imprevisibilidade interna e externa em solo norte-americano. A Microsoft confirmou na semana passada o arranque da interferência eleitoral desses países com o objetivo não só de influenciar resultados democráticos – que, como sabemos, dificilmente serão aceites pacificamente por Trump –, mas sobretudo com o objetivo de dividir e reinar. Enquanto os governos transatlânticos são incapazes de regular e manter a ordem no discurso público, atores hostis aproveitam para acentuar a profundidade das trincheiras pró-totalitarismo e antidemocracia, pró-invasão e anti-soberania, pró-terrorismo e anti-Ocidente.

A simples novidade introduzida por Musk de ocultar os "likes" dos utilizadores pode ter efeitos para lá de assustadoramente imprevisíveis, despojando a plataforma de vergonha e contenção em nome do alegado direito à privacidade. Chegámos a um ponto em que a democracia está vinculada a publicações, tendências e algoritmos que se alimentam daquilo que é incendiário, que gera mais interação e que a corrói cada vez melhor e com cada vez menos carateres. Em janeiro de 2021, o incitamento à violência por parte de um político criminoso e através do seu megafone desregulado nas redes sociais, permitiu que milhares de pessoas invadissem a casa da democracia americana. Tivemos anos para agir contra a impunidade e a falta de quadros legislativos bem estruturados, mas agora estamos em contagem decrescente para um novo ciclo eleitoral. Hoje reúnem-se as condições digitais e políticas para mais invasões de Capitólios em todo o mundo. ■

> A democracia está vinculada a publicações, tendências e algoritmos que se alimentam daquilo que é incendiário.

> Reúnem-se as condições digitais e políticas para mais invasões de Capitólios em todo o mundo.

Coluna quinzenal à sexta-feira

OPINIÃO

ESQUELETOS NO ARMÁRIO

ISABEL STILWELL
Jornalista
falecomisabelstilwell@gmail.com

Os "vapes" do nosso descontentamento

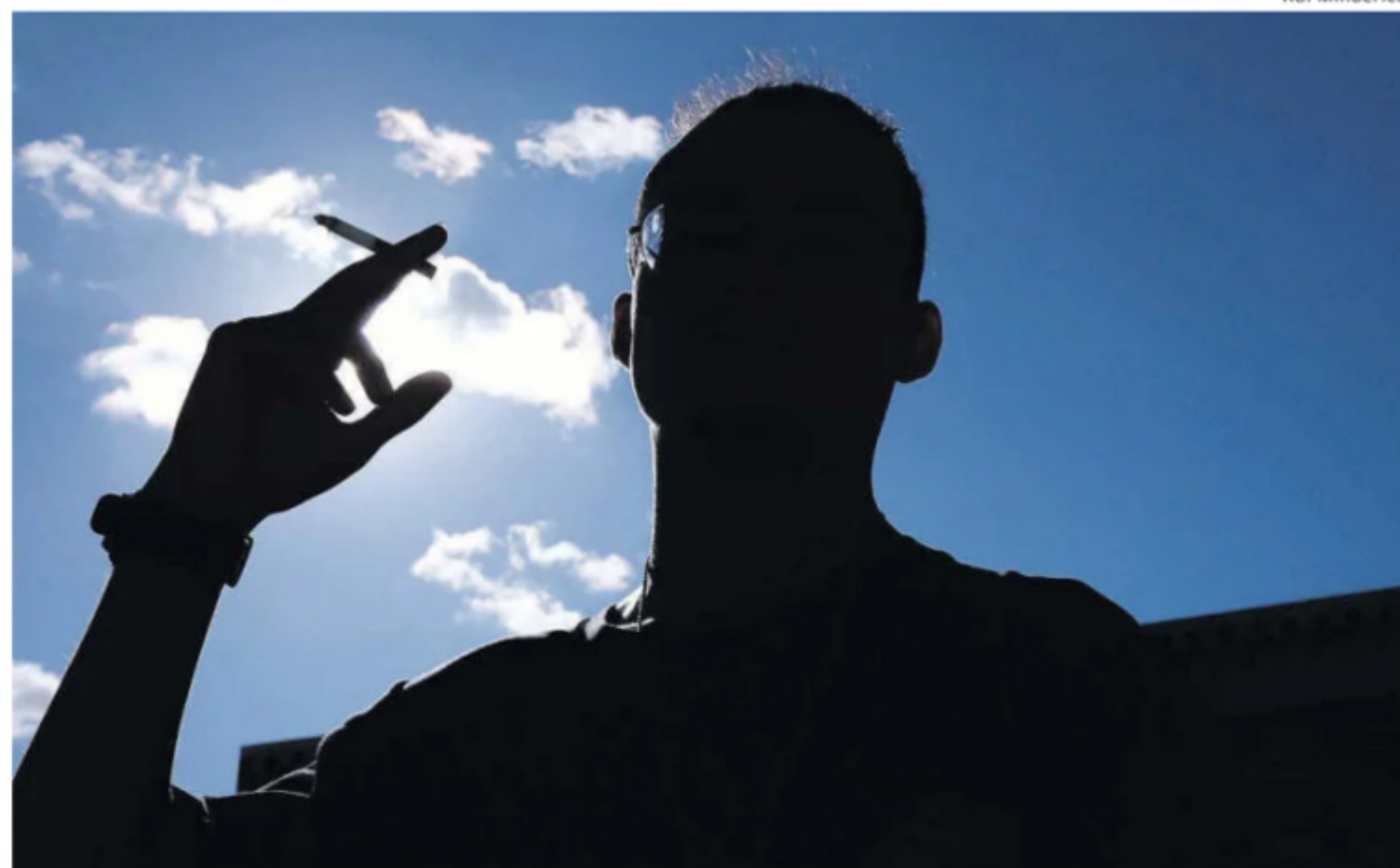
O objetivo das férias é descontrair e abstrair de tudo, criando clareiras que deixem o espírito respirar. E, provavelmente, seria capaz de atingir a meta se a minha mãe não me tivesse contagiado com a convicção de que estamos neste mundo para "salvar" uns tantos, quer nos fiquem gratos quer não. Aliás, matraqueou o mantra tão bem que garantiu não só a sua própria eternidade (está viva dentro de mim 24 horas por dia), com o meu inferno – não consigo presenciar nenhuma cena que me indigne, sem me meter ao barulho. Foi o que aconteceu quando no barco a caminho da ilha do Farol, quatro adolescentes sentados à minha frente sacaram dos seus "vapes", expelindo com proficiência baforadas de fumos com cheiro a morango e baunilha!

Rui Minderico

Como ficar calada? Miúdos de 14 ou 15 anos vítimas da armadilha do "todos fazem", ingenuamente presos num vício que se alastra por todo o mundo, e que tem fortes probabilidades de lhes deixar os pulmões feitos num oito?

Procuro conter-me dedilhando perguntas a uma especialista em comportamentos aditivos nos jovens. "Compram-nos onde, com aquela idade?", pergunto, e a resposta regressa, clara: "É fácil, vai alguém mais velho comprar e ainda recebe um bónus do vendedor. Ou nem lhes pedem um comprovativo da idade. A cem metros da escola". Não inventa – um inquérito publicado na revista Drug and Alcohol Dependence confirma que 95% dos jovens portugueses compram tabaco sem qualquer dificuldade.

Ponho nova questão: "E as recargas, como confirmam a segurança dos líquidos que contém?" Não confirmam, nem eles, nem aparentemente mais ninguém.

Aclarei a voz para transmitir tudo isto aos meus vizinhos fumadores, mas controlei-me. Desta vez consegui. Já cresci o suficiente para saber que só mudamos se somos interpelados por alguém que admiramos e com quem mantemos uma relação de afeto e confiança, e os adolescentes não são exceção. Decididamente essa pessoa não era a "maluca do cacilheiro".

Pois, amadureci alguma coisa, mas não o suficiente para responder por mim se ficasse por ali mais tempo, por isso mudei-me rapidamente para a outra ponta do convés. Mas não desliguei.

Em teoria devia ser suficiente fazer-lhes a lista dos malefícios, mostrar-lhes os casos dos miúdos com lesões graves, que morreram mesmo, ou abrir-lhes a página com a evidência de que os utilizadores de cigarros eletrónicos ficam mais exposto a acumulação de chumbo e urânio, o que não é nada bom para os neurónios em desenvolvimento, mas a questão é que pouco lhes interessa o futuro. É mil vezes mais importante ter sido incluído nesta peregrinação à praia com os amigos, ou fumar para caber num biquíni igual ao da melhor amiga.

> Um inquérito publicado na revista Drug and Alcohol Dependence confirma que 95% dos jovens portugueses compram tabaco sem qualquer dificuldade.

A Sociedade Portuguesa de Pneumologia já fez mil alertas, e acusa a indústria do tabaco de usar "táticas predatórias", para promover o consumo junto dos mais jovens, nomeadamente através de "influencers" digitais pagos para promover os seus produtos – como se combate uma ofensiva destas? Pagando aos seus ídolos para dizer o contrário? Os especialistas garantem que o poder aditivo destas drogas é tal que o ideal é nunca sequer experimentá-las, trabalhando com os miúdos a coragem de dizer não, e a autoestima suficiente para almofadar o desconforto da troça dos pares.

Ai, mãezinha, quero lá saber! O benefício de já ter 64 anos devia ser qualquer coisa como "Já cá não vou estar, eles que resolvam", mas ainda não cheguei a esse ponto – continuo preocupada com aqueles quatro miúdos a caminho da ilha do Farol. ■

Coluna quinzenal à quarta-feira, excecionalmente é publicada hoje

O NEGÓCIOS ERROU

Na edição de quarta-feira, dia 14 de agosto, na rubrica Os Mais Poderosos, o Negócios publicou erradamente uma fotografia de Luís Araújo, diretor-geral da Biedronka do Grupo Jerónimo Martins, quando pretendia ilustrar Luís Araújo, antigo presidente do Turismo de Portugal. Aos visados e aos leitores, pedimos desculpa pelo lapso. ■

CONSCIÊNCIA DOS FACTOS

Idadismo no local de trabalho

GONÇALO SARAIVA MATIAS
Presidente do Conselho de Administração da Fundação Francisco Manuel dos Santos

As alterações demográficas, o aumento da esperança de vida e da idade da reforma trouxeram transformações significativas ao mercado de trabalho.

Hoje é frequente, num mesmo ambiente de trabalho, conviverem quatro gerações, o que pode gerar, entre elas, tensões, perceções erradas e preconceitos ou discriminações.

Com o objetivo de melhor compreender esta realidade, a Fundação Francisco Manuel dos Santos lançou esta semana um importante estudo coordenado por David Patient, professor catedrático de Liderança na Vlerick Business School.

O estudo analisa a natureza bidirecional dos enviesamentos etários – isto é, o facto de poderem ser dirigidos tanto a pessoas mais novas como mais velhas, essencial para responder aos desafios sociais colocados pela convivência entre gerações no local de trabalho. Tendo em conta o envelhecimento da população e o consequente aumento da idade da reforma – aumentando a probabilidade de trabalhadores mais jovens e mais velhos interagirem no trabalho – os autores desta investigação realçam que o idadismo continua a ser pouco estudado, especialmente quando se trata de preconceitos direcionados aos mais jovens, isto apesar de, segundo estudos anteriores, se saber que é mais frequente do que o sexismo ou o racismo.

Em média, os trabalhadores portugueses relatam níveis relativamente baixos de discriminação com base na idade. No entanto, 33,5% relataram níveis moderados e elevados deste tipo de discriminação. Os mais jovens (18-35 anos) referiram os níveis mais elevados de perceção de discriminação: 42,3% referiram níveis moderados ou elevados, por comparação com 28,6% dos trabalhadores de meia-idade e 25,6% dos trabalhadores mais velhos. Esta discriminação em relação aos trabalhadores mais jovens verifica-se em todas as fases do emprego, do recrutamento à promoção ao despedimento. Além disso, quando os chefes são mais jovens do que os membros da sua equipa, a equipa tende a atribuir-lhes classificações mais baixas em termos de competência profissional.

Alguns dos estereótipos em relação aos trabalhadores mais jovens incluem descrições como sendo pessoas pouco empenhadas, com pouca ética de trabalho, arrogantes e argumentativas (negativos), mas também orientadas para objetivos, conhecedoras de tecnologia, inovadoras, ansiosas e inteligentes (positivos).

O estudo conclui que este tipo de discriminação pode constituir um obstáculo significativo à retenção de talento e ao pleno aproveitamento dos trabalhadores mais velhos, podendo levar à reforma antecipada; em relação aos mais jovens, pode levar a que não se sintam valorizados, que sejam considerados menos competentes, que tenham menos oportunidades de desenvolvimento, bem como que tenham salários mais baixos e menos acesso a benefícios, e que sofram perturbações no equilíbrio entre vida profissional e privada. Além disso, esta situação pode levar a mais conflitos interpessoais no local de trabalho, menor satisfação no trabalho, maior desejo de abandonar a organização, aumento dos níveis de stress, pior saúde mental e física em todos os grupos etários.

Num momento em que é tão importante a retenção de talento jovem, a sua promoção nos locais de trabalho, mas também a longevidade produtiva do trabalho dos mais velhos, parece ser da maior importância a adoção de medidas, tanto por decisores públicos como por líderes empresariais, que permitam a convivem destas gerações no mesmo local de trabalho, potenciando o contributo de cada uma. Para além do impacto na produtividade, estas medidas permitem ainda salvaguardar a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores. ■

iStockphoto

Hoje é frequente, num mesmo ambiente de trabalho, conviverem 4 gerações, o que pode gerar, entre elas, tensões, perceções erradas e preconceitos ou discriminações.

Em média, os trabalhadores portugueses relatam níveis relativamente baixos de discriminação com base na idade.

Coluna quinzenal à quinta-feira, excecionalmente é publicada hoje

negocios

Conselho de Administração **Presidente: Domingos Matos; Vogais: Luís Santana, Ana Dias, Octávio Ribeiro, Isabel Rodrigues, Mário Silva, Miguel Paixão, Paulo Fernandes e Filipa Alarcão.** • Principal acionista **Expressão Livre II, SGPS, S.A. (100%).** • Diretora: **Diana Ramos** Diretor adjunto: **Celso Filipe** • Sede: Redação, Administração e Publicidade **Rua Luciana Stegagno Picchio n.º 3 - 1549-023 Lisboa** • Redação: tel. **210 494 000** e-mail **info@negocios.pt** Publicidade: tel. **210 494 076** e-mail **publicidade@medialivre.pt** • Assinaturas: tel. **210 494 999 (das 9h às 18h)** ou através do e-mail **assine@medialivre.pt** • Delegação Porto **Rua Eng.º Ferreira Dias, 181, 4100-247 Porto** tel. **225 322 342** • e-mail **negocios-porto@negocios.pt** • Internet **www.negocios.pt** • Propriedade/Editora: **Medialivre, S.A.** • Sede **Rua Luciana Stegagno Picchio n.º 3 - 1549-023 Lisboa** Capital Social **22 523 420,40€** • Contribuinte **502 801 034** • C.R.C de Lisboa **502 801 034** • Impressão **EGF-Empresa Gráfica Funchalense - R. da Capela Nossa Sra. da Conceição 50, 2715-311 Pêro Pinheiro.** ISSN: **0874-1360** • Estatuto editorial disponível no site em **www.negocios.pt**

MELHOR NA CATEGORIA IMPRENSA DE ECONOMIA

...medialivre

Nº ERC: **121571** • Depósito Legal: **120966/98**
Tiragem média de julho de 2024: **4.173 exemplares**

SA LUÍS AFONSO

BREVES

INCÊNDIOS

SAPADORES COM MAIS 1,5 MILHÕES

Os sapadores florestais vão ter um reforço de 1,5 milhões de euros para equipamento de proteção pessoal, anunciou o Ministério do Ambiente e Energia. O subsídio não reembolsável terá um valor máximo de 850 euros por cada sapador florestal. ■

REINO UNIDO

PIB BRITÂNICO CRESCE 0,6%

A economia britânica abrandou ligeiramente no segundo trimestre do ano, com um avanço de 0,6% face aos 0,7% dos primeiros três meses de 2024. Estes dados reforçam a expectativa de não haver novo corte das taxas de juro em setembro. ■

MÉDIO ORIENTE

NEGOCIAÇÕES RETOMADAS

As negociações para uma trégua na Faixa de Gaza entre Israel e o Hamas foram retomadas ontem em Doha, no Qatar. As negociações arrancaram no dia em que as autoridades de saúde da Palestina anunciaram que o conflito já matou 40 mil palestinianos. ■

EUA

Retalho afasta ainda mais os receios de uma recessão

Justin Lane/EPA

O maior empregador e retalhista dos EUA reviu em alta previsões de vendas.

As fortes vendas da Walmart – o maior retalhista dos EUA – e os dados gerais divulgados nesta quinta-feira aliviaram os receios dos investidores de que a economia norte-americana esteja à beira de entrar em recessão.

As vendas do setor do retalho subiram 1% em julho de acordo com os dados divulgados ontem pelo Census Bureau – a autoridade estatística dos EUA – e representam o melhor nível do último ano e acima das previsões dos economistas que apontavam para um crescimento de 0,3%.

Este comportamento positivo das vendas indicia que as famílias norte-americanas mantêm forte propensão ao consumo e afastam receios de uma crise para breve. De resto, o CEO do Walmart, Doug McMillon, sublinhou que "até agora, não estamos a sentir um consumo mais fraco, em geral" durante um encontro com analistas para avaliar os resultados trimestrais da cadeia de supermercados.

A gigante do retalho norte-americana reviu também em alta o "outlook", justificando que espera conseguir atrair mais clientes em busca de descontos. A empresa sediada no Arkansas antecipa agora que as vendas líquidas aumentem até 4,75% no ano, contra o anterior "guidance" de uma subida de 4%. Aumentou também a meta de receitas e lucros operacionais.

Os lucros no segundo trimestre foram de 4,5 mil milhões de dólares e representam uma queda de 43% face ao mesmo período de 2023. Contudo, superaram também as estimativas dos analistas. Também os dados dos pedidos de subsídios de desemprego ajudaram a esse alívio na pressão, com menos pessoas a inscreverem-se nos centros de emprego. ■

NEGÓCIOS

ELEVADOR

Paulo Ribeiro Pinto
paulopinto@negocios.pt

VOLODYMYR ZELENSKY
Presidente da Ucrânia

A incursão da Ucrânia na região russa de Kursk é uma importante vitória militar e política de Zelensky, depois de alguns meses de recuos das forças ucranianas com o avanço das tropas do Kremlin. Desde o início do mês que as forças de Kiev têm conseguido prosseguir dentro de território russo. Moscovo ordenou a evacuação de várias cidades da região, mas concentrou novos ataques no Donbass. ■

CARLOS CORTES
Bastonário da Ordem dos Médicos

O primeiro-ministro anunciou a abertura de mais vagas para medicina. Nos próximos anos vão reformar-se cerca de 1.500 clínicos por ano. O bastonário da Ordem dos Médicos disse que a medida é "populista e irrealista" para os problemas imediatos do Serviço Nacional de Saúde. Para resolver as pressões imediatas pode ser, mas é necessário formar mais clínicos. A acusação de "corporativismo" também não caiu bem. ■